

# DA DEMOCRACIA EM PORTUGAL

## 1.º EMBAIXADOR DE PORTUGAL NA UCRÂNIA

*Uma entrevista exclusiva por  
Inês Gaurim Sousa e Patricia Neruta.*



### **Como? Quem? Qual?: As Questões Atuais da Cibersegurança**

Por António Cebola e Laura Guimarães

### **Vladimir Putin e Amigos: Regime de Compadrio**

Por Tiago Coelho e Tomás Pires

### **A Maldição dos Olhos**

Por Cristian Bancu

**EDIÇÃO XI**

**Março de 2022**







# CONTEÚDO

06

## (HÁ) CONVERSA

Secção dedicada a entrevistas.



11

## LÁ FORA

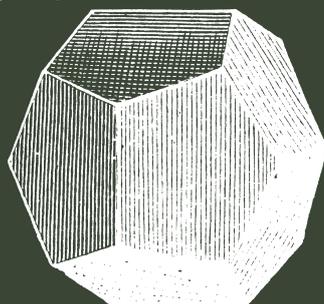
Secção dedicada a assuntos internacionais.



22

## ESTADO DE DIREITO(S)

Secção dedicada a direitos humanos.



31

## A MEU VER

Secção dedicada à opinião.

45

## (CRIA)TIVIDADE

Secção dedicada à expressão criativa.



58

## NÚCLEO MUSICAL

Secção dedicada à exploração da música.



67

## ESPAÇO CULTURA

Secção dedicada a recomendações culturais.





## **Entrevista: 1.º Embaixador de Portugal na Ucrânia**

POR INÊS GAURIM SOUSA, PATRICIA NERUTA

Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Manuel Côrte-Real ingressou na carreira diplomática do Ministério dos Negócios Estrangeiros em 1970, onde exerceu funções no Serviço de Protocolo do Estado e enquanto embaixador.

**Tendo sido o primeiro embaixador de Portugal em Kiev, sentiu pressão na tomada do cargo? Como foi o processo de preparação?**

Ninguém me preparou. Disseram-me “chegas lá e logo vês”. Não havia livros sobre a Ucrânia. Tentei falar com os meus colegas de Moscovo, para me dizerem algo, mas não me disseram nada de especial. De facto, hoje em dia é uma preparação completamente diferente.

## (HÁ) CONVERSA

### **Como foi o seu percurso enquanto embaixador na Ucrânia?**

Após o final da EXPO 1992 de Sevilha, na qual fui consolado, o Ministro de Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro, disse que necessitava de mim na Ucrânia, que tinha acabado de se tornar independente e estava a organizar-se como país. Os membros da União Europeia decidiram enviar para lá embaixadores, com os objetivos de estabelecer firme a democracia no país e transformar a sua economia numa economia de mercado. Achei tudo aquilo um sonho, e sem saber falar russo lá fui.

Quando o meu trabalho começou, verifiquei que a Ucrânia era ainda uma república soviética em espírito: não havia propriedade privada nem automóveis e havia pouca eletricidade e gás. Na altura, tive a sorte de me cruzar com 3 portugueses que estudavam lá desde os 12 anos, e que queriam um emprego na embaixada, pelo que pude constituir uma equipa com eles. Em 1995 fui para as Nações Unidas em Nova Iorque, onde estive durante dois anos, e depois retornei à Ucrânia em 1997, até voltar a Portugal em abril de 1998, para ser Chefe de Protocolo da Expo 98.

### **Como era a Ucrânia nos anos 90?**

Não se falava ucraniano, era proibido. Essa era a língua do campo e das aldeias. O povo ucraniano era um povo simpático, pacífico e agricultor, mas muito traumatizado por acontecimentos como as fomes de Stalin e da ocupação nazi. Por causa destes traumas, os estrangeiros eram vistos como uma ameaça, o que dificultou o diálogo com eles. Ainda assim, demonstravam-se prontos a mudar de vida, mas também ansiosos pelo que essas mudanças significavam. A sua alimentação era muito frugal, à base do pão e batata, e as cidades encontravam-se destruídas, não por causa da guerra, mas por pobreza e negligência.

Mas era um povo muito artístico, com foco na música e na pintura. Perto de Kiev, havia sempre grupos de músicos e coros nas ruas.

### **Como foi a transição de um regime soviético para um regime democrático?**

A transição fez-se de uma forma muito brusca e abrupta, foi apenas através da queda do regime soviético e retirada da Rússia. Não houve uma passagem harmónica ou uma educação para a democracia.

### **Quais eram as principais preocupações dos ucranianos, nessa altura?**

Eram a sobrevivência e a organização do país, para que pudessem viver dos seus próprios bens. Dependiam muito da eletricidade e do gás russo, e também de uma atitude pacífica da Rússia, na qual eles acreditavam. Por isso é que entregaram as suas armas e todo o material bélico nuclear. Tudo o que pudesse ser uma ameaça para a Rússia eles deram de mão beijada, como que dizendo “agora deixa-nos em paz, que nós somos pacíficos”, e durante uns anos parecia que funcionava assim.

### **Num discurso referente à invasão da Ucrânia, Putin descreveu os russos e os ucranianos como “um só povo”, afirmando que os ucranianos tinham sido alvos de “lavagem cerebral”. De que maneira considera que a atual mentalidade da população ucraniana difere daquela constatada nos anos 90?**

Quando lá estive, a Ucrânia era um país muito diferente do que é hoje. Não havia um espírito tão nacionalista como há agora, era um país que ainda não tinha uma consciência de si próprio.

## (HÁ) CONVERSA

Sempre tiveram um grande amor à sua terra e à paisagem, mas era à terra em si, não a um sentimento de povo. Desde então, tiveram a possibilidade de expandir a personalidade que de vez em quando encontrava neles. Agora, vemos um nacionalismo extraordinário e a resiliência de um povo que está a lutar até ao limite, inspirado pelo presidente.

### **Mencionou o presidente Zelensky. Como descreveria o presidente ucraniano? E o presidente russo, Putin?**

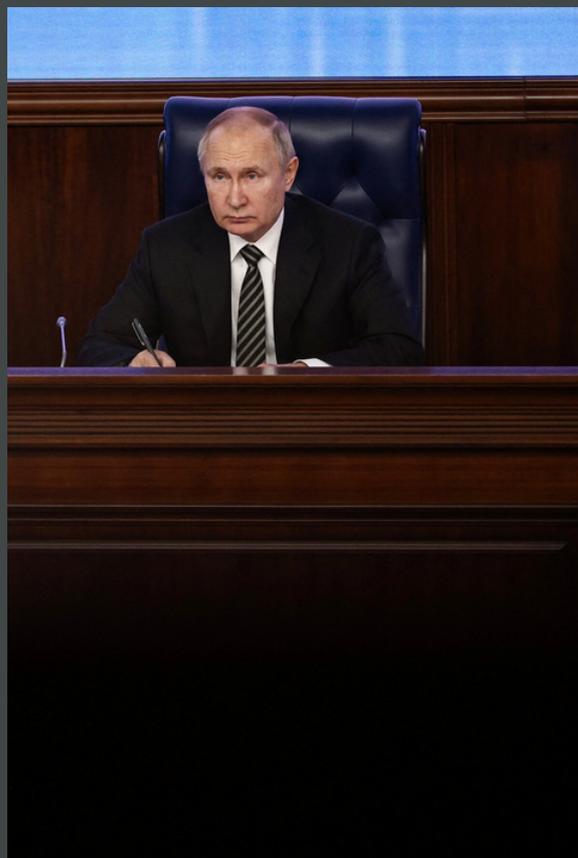
Não o conheço pessoalmente, mas vejo nele muitas das características dos ucranianos: um espírito resiliente, combativo e com um grande amor pelo seu país. Conheci o Putin, e ele parecia uma cobra. Era gelado, mesmo no aperto de mão, os olhos dele, a maneira como falava, era de uma dureza e de um cinismo tremendo.

### **Passando para a atual situação da invasão da Ucrânia. Segundo Tito Lívio, “a guerra que é necessária é justa”. Será que esta guerra pode, de modo algum, ser considerada justa?**

De maneira nenhuma, nunca. E a sua resolução é muito difícil porque, por um lado, a NATO não pode sair do seu território, e por outro não pode admitir que um país seja invadido porque quer tingir o seu destino como melhor lhe parece. A Rússia não está habituada a esta dureza e rigidez do Ocidente e da NATO. Talvez tenham sido duros demais e não tentaram a conciliação, mas o Putin também.

### **Quais serão as motivações de Putin com a invasão da Ucrânia?**

É de alargar a antiga União Soviética. Ele nunca admitiu a queda do Partido Comunista e a diminuição do poder da Rússia, sobretudo do seu território.



The New York Times

## (HÁ) CONVERSA

Após a reunificação da Alemanha, Putin sentiu-se traído, e a partir daí jurou vingança ao Ocidente por ter desmembrado a URSS. Ele não esconde a ideia de um Império Russo, é a ideia que norteia toda a política dele. Ele quer recuperar a extensão, influência e posição face às outras nações. Ele não concede que, de facto, esteja rodeado por países em que vivam com base nos cânones da União Europeia.

**Às diversas sanções económicas feitas, também está a acontecer um certo lockdown em massa da imprensa e o bloqueio das redes sociais. Ainda que estejam a pressionar a Rússia, não será, ao mesmo tempo, um tiro no pé? Isto vai levar a população a contestar mais contra o Putin, ou será que o oposto pode ocorrer, visto que as pessoas, assim, ficam expostas apenas a propaganda?**

Nós vemos uma pequena contestação, mas haverá muito mais que não conseguimos ver. Os grupos que se manifestam são castigados e feitos prisioneiros diariamente. Há uma forte contestação, e isso é inevitável. As pessoas que contestam já sofreram muito, e não querem sofrer mais. O problema é que as respostas feitas para travar a Rússia, não chegam a ele. É rodeado por um certo tipo de pessoas, que não o deixam ver a realidade, nem a transmitem.

**De que forma é que a anexação da Crimeia, em 2014, previu os próximos passos militares da Rússia?**

A Crimeia não tem uma vida própria, quer dizer, tem uma vida de pequena dimensão, não lhe tirando a importância. Visto que a maior parte da população era russa e tártara, quando a Rússia a anexou não houve grande protesto por parte da Ucrânia: “não adianta nem atrasa”, era mais pela parte do prestígio.

Aquilo passou muito pacificamente. Os russos achavam que o resto da Ucrânia seria a mesma coisa, que o mesmo se passaria em Donbass, mas, pelo contrário, houve resistência.

**Quão relevante é o direito internacional na resolução deste conflito?**

Os russos não querem saber de todo, só quando lhes convém. E a Ucrânia quer, claro.

Tendo em conta acontecimentos recentes, tal como o pedido de adesão da Ucrânia, Geórgia e Moldávia à UE e as sanções económicas que estão a ser aplicadas, considera que estamos perante uma debilitação grave da soberania de Putin? Eles querem aproximar-se da Europa democrática porque têm uma vida duríssima, muito pobre, e querem uma vida melhor com, por exemplo, economia de mercado. E é sobretudo um escudo contra a Rússia.



The New York Times

## (HÁ) CONVERSA

Eu acho que é um pedido de socorro por parte deles. Eu falava muito com o embaixador da Geórgia em Kiev, e ele dizia que o seu país estava a ser destruído pela Rússia; não podiam ser uma democracia, não tinham liberdade de escolha, estavam completamente devastados. A Geórgia acabou por ter um compromisso: pouca soberania, pouca autoridade, vive no âmbito de influência da Rússia. Eu tenho esperança, mas pouca confiança, é realmente muito difícil.

### **Acha que a Comunidade Internacional pode fazer mais para travar o conflito?**

Acho que a comunidade internacional está a fazer o que deve, que é a questão das sanções. Atinge-nos a todos, mas em especial aos russos e aos seus oligarcas.

### **Conseguirá a população russa fazer face ao Kremlin através da resistência?**

É muito perigoso.

Para começar a haver esse tipo de resistência, eles têm que ter uma meta e saber o que é que beneficiarão dos resultados dessa resistência.

É um grande risco, um perigo de vida, e só tendo um mínimo de garantias que conseguirão fazer algo. Levar-lhes-à anos a concretizar e a atingir um objetivo.

### **Consegue descrever a carreira diplomática?**

É uma carreira extraordinária. É uma carreira que nos ajuda a ter uma visão do mundo muito especial, muito abrangente. É de grande enriquecimento cultural. Exige muito de nós, eu digo que não é um emprego, é uma vida. Temos que lhe dar uma grande entrega, mas ao mesmo tempo conseguimos ver-lhe os objetivos, que é trabalhar pelo nosso país e pelos portugueses quando estão fora. É preciso ter uma forte exigência pessoal, temos que trabalhar todos os dias, porque nós somos analisados e classificados sempre por superiores. A competência que temos, em tempos de crise e como conseguimos resolver os problemas.





## Geórgia - O Primeiro “Blunder” do Ocidente

POR RUI BENTO DOS REIS

Na madrugada do dia 24 de fevereiro do presente ano, com o reconhecimento da autodeterminação das regiões separatistas (pró-russas) de Donetsk e Lugansk pelo regime autoritário de Putin, e a pretensa há muito expressada da Ucrânia de adesão à NATO, dá-se o início de ações militares na Ucrânia, começando-se a desenhar contornos altamente semelhantes aos de um anterior conflito, a Guerra Russo-Georgiana (Guerra dos Cinco dias, de 07 de agosto de 2008 a 12 de agosto de 2008).

A Geórgia, em 1991, apresentava-se à Comunidade Internacional como uma República ex-soviética determinada em ver-se livre das mazelas do jugo autocrático que o seu povo haveria sofrido, desde a invasão bolchevique, em 1921, colocando propostas e iniciando negociações de adesão à NATO, de forma a que, com o apoio da umbrela de segurança do Ocidente, lhe fosse dada a liberdade de desenvolver a sua nação à luz dos moldes democráticos, há tanto subjugados pela URSS.

## LÁ FORA

Apesar disso, no seio das fronteiras georgianas, já anteriormente no ano de 1989, existia um conflito armado nas autoproclamadas Repúblicas Ossétia do Sul e Abecásia, que haviam declarado a sua independência do regime de Tbilisi, com forte apoio russo.

Face a isto, em 1992, é acordado pela Geórgia, pelas regiões separatistas e pela Rússia a criação de uma força de manutenção de paz dentro das fronteiras da região de facto independente. Aqui, sem nenhuma contestação do Ocidente, assistimos a uma invasão de jure da Soberania georgiana por parte da Rússia, com a Geórgia entrando na organização CIS (Comunidade dos Estados Independentes), em grande parte forçada pela sua elite política, reposta no poder em 1992, que havia sido transportada da era soviética.

O próximo passo para as hostilidades deu-se em 2003, com a Revolução das Rosa, que depôs a antiga e bafienta elite política georgiana, em prol de um governo pró-Ocidente.

Com isto, foram pronunciadas intenções de aproximação à EU (União Europeia) e uma aplicação para membro da NATO (Organização do Tratado do Atlântico Norte), culminando na construção do oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan, em 2006, fortemente financiado pela EU e que ultrapassava a necessidade de passagem do petróleo do Mar Cáspio pela Rússia.

O caminho inevitável para as hostilidades russo-georgianas começa em abril de 2008, com o reconhecimento da independência e da legitimidade “internacional” das organizações das regiões da Ossétia do Sul e da Abecásia, seguido do abatimento de um drone de reconhecimento georgiano na Abecásia, por instrumentos antiaéreos russos, nas mãos de rebeldes separatistas.

Com isto, a Rússia mobiliza tropas de “manutenção de paz” para a região, iniciando assim de facto a invasão de território soberano da Geórgia.

O conflito ficou marcado, tal como observável na Ucrânia, por bombardeamentos indiscriminados da população civil e sofrimento impensável de um povo que apenas pretendia decidir o seu futuro com base em valores ocidentais de Democracia e Liberdade, Justiça e Segurança, algo que a Rússia, como já determinadamente visível, não deixa que aconteça na sua autoproclamada zona de influência.

Algo que fica também para a história como semelhante ao conflito que vivemos, é a fraca resposta internacional, ainda mais fraca que a de hoje, com sanções mínimas e inúteis apelos à paz internacional, com a Rússia a convocar o Conselho de Segurança das Nações Unidas, de forma a ser detalhado um plano de paz, obviamente, determinado pela vontade russa, deixando de lado a vontade e o sofrimento do povo georgiano, que deveria ter o incondicional apoio do Ocidente.

Mais um povo abandonado nas mãos de Putin, por fraca liderança e indecisão ocidental, resultando na manutenção de tropas russas nas regiões “independentes” e a exigência de montagem de pontos de controlo fronteiriço (*checkpoints*) pelas Nações Unidas.

Assim, o conflito supra explicado toma como principal inspiração para o manual de conflitos russos, do aumento da sua área de influência de um jogo de ‘gato e rato’ com o Ocidente, que perante estas situações, como nos é possível depreender, toma o partido da inação.

## LÁ FORA

Solidários, saíram à rua mais de trinta mil cidadãos georgianos em Tbilisi no dia 25 de fevereiro de 2022, vendo que mais um país poderá sofrer o mesmo desenlace que o seu havia sofrido, com a violência e o sofrimento por conta da pretensão a uma vida melhor, mais livre e democrática, sabotada, talvez, mais uma vez, pela inação ocidental e por sanções e apelos à paz que caem em ouvidos surdos.

Contudo, felizmente, temos assistido a um esforço e mobilização de apoio, talvez inédito no século XXI, do Ocidente perante a desastrosa situação de um povo que pretende seguir o seu próprio rumo, de Liberdade e Democracia, valores carinhosamente defendidos por grande parte do mundo ocidental.

A questão da Geórgia, hoje em dia, passa por entre os pingos da chuva, em grande parte esquecido pela comunidade ocidental que, hoje, ajuda e teme pelo futuro dos ucranianos, pois, se atentamente analisados os factos que levaram ao outbreak das hostilidades e de como a guerra fora conduzida, teríamos uma compreensão do conflito atual bem mais profunda, pois tudo o que aconteceu na região do Cáucaso tornou-se num text book da agressão da Rússia de Putin.

Felizmente, o Ocidente reagiu a tempo, de maneira acertada, mobilizando esforços e condenações à brutal ofensiva destrutiva de vidas, valores e liberdade por Putin, mas falta algo, falta um esforço concentrado da comunidade internacional, dos major players, para livrar os ucranianos de maior sofrimento, que, decerto, estará à porta, com o stall da máquina de guerra russa, esperando que a Ucrânia seria facilmente derrotada e que a vontade do seu povo seria, igualmente, fácil de vincar, irá girar o botão do sofrimento para máximos sem precedentes na civilização do século XXI.

Como aconteceu na Geórgia, o sofrimento foi entregue de maneira desenfreada, igualitária e sem discriminação, contudo, sem ajudas internacionais, com uma força militar altamente inferior à que a Ucrânia possui, uma população extremamente menor, em termos comparativos, era e foi impossível de deter o urso russo, que, apesar disso, massacrou inteiras cidades, deixando centenas de milhares vítimas devido à ambição autoritária de um ditador, pura e simplesmente de forma a deixar um aviso ao povo georgiano, tal como pretende agora, mas aos ucranianos, que deixar a esfera de influência russa e a maneira de pensar que vigora dentro dessa mesma esfera, desconectada de valores como a Liberdade e a Democracia, irá trazer sofrimento e mortes, talvez fazendo passar a mensagem que não valerá o esforço de lutar por uma vida melhor, mais justa e livre.

Não deixemos que o mesmo reino de medo que urgiu sob o povo georgiano se repita e retome o trono na Ucrânia.

Analisando o conflito prévio, tiramos imensas ilações de como é altamente prejudicial, desta vez ainda mais, para o mundo ocidental, pois poderá perder um eventual aliado, com um povo e liderança que pretende colocar a sua vida à frente do atropelamento dos valores que eles escolhem ter, ao sentimento de pretensa à comunidade ocidental, ao mundo livre e democrático.



## O Sonho Etíope

POR JOÃO QUARESMA

Em 2022, um homem trouxe-nos de volta a guerra, justificando-se ora com mentiras, ora com motivos facilmente suplantados na realidade e dificilmente suportados na modernidade. Esta tragédia monopolizou o espaço comunicacional... Mas o mundo não é só Europa.

Pouca (ou nenhuma) atenção demos a uma potencial mudança radical no Nordeste Africano, que, desde a sua inepção, muita preocupação tem gerado: Grande Barragem do Renascimento Etíope (GBRE), inaugurada onze anos após o lançamento da primeira pedra.

A barragem é a maior em África e integrará o legado do primeiro-ministro Abiy Ahmed, juntamente com o polémico Nobel da Paz 2019 pela resolução das disputas territoriais com a Eritreia.

O nome pomposo dado à infraestrutura situada na fronteira Etíópia-Sudão, no Nilo Azul, um dos principais tributários do Nilo, faz jus ao seu propósito: revolucionar a Etíópia, potenciar a sua produção elétrica fazendo face ao seu severo problema energético (cerca de 60% dos Etíopes não tem acesso a eletricidade), e almejando a exportação de energia elétrica.

## LÁ FORA

Se bem-sucedido, seria uma grande vitória não só para o executivo de Ahmed, mas para todos os antecessores que se envolveram neste projeto, elevando-o ao patamar de designio nacional.

Ora, em África, a água é bem escasso e imprescindível. E o problema reside no medo dos Sudanese e Egípcios de que a Etiópia monopolize o controlo do Nilo, e a reação que estes possam assumir.

### Paradoxo Climático

As consequências do funcionamento da GBRE poderão ser particularmente impactantes para o Egito: depende do Nilo em mais de 90% do seu abastecimento hídrico. Tal dependência, aliada ao crónico problema hídrico, levou as autoridades a estimar um impacto devastador sobre cerca de 100 milhões de pessoas com a GBRE em funcionamento, potencialmente obstruindo a passagem da água. A preocupação é maior num cenário (nada disparatado) de seca.

Já para o Sudão, embora também dependa do Nilo, as maiores preocupações são técnicas: Cartum até acredita que a GBRE pode permitir uma maior organização das águas do Nilo Azul, e que a eletricidade chegará a território sudanês, mas procura garantias sobre a segurança da sua operacionalização, para que não interfira com o funcionamento das suas barragens.

Os dados apresentados são apenas estimativas egípcias, mas não é descabido assumir um cenário agravado quando consideramos as alterações climáticas. É um desafio global incontornável, mas há recantos no mundo que sofrem mais, cujas populações estão mais vulneráveis. Por esse prisma, segundo a ONU, África ocupa o trono, apesar de ser o continente menos poluente.

Atendendo às previsões de subida da temperatura e decréscimo de pluviosidade, fatores que se aliam às verificadas variações acentuadas de caudal em rios de Norte a Sul, não deixa de ser paradoxal a quantidade de projetos para novas barragens que polvilham o continente.

Os dados explicam receios egípcios e sudanese. A Natureza por si já rema contra a maré, é um obstáculo contra os quais ambos países lutam. Num espaço tão crítico onde todos os esforços deveriam ser canalizados para soluções que resolvam problemas comuns, a Etiópia adota posições unilaterais que não resolverão a questão a longo-prazo (verificando-se intensa evaporação) e, pior, que podem agravar a situação dos vizinhos, dando um apoio inadvertido ao “plano pernicioso” da Mãe Natureza.

Neste contexto ambiental, deveriam adquirir outra importância alguns instrumentos internacionais, à cabeça, a Convenção da ONU 1997, referente à utilização dos cursos de água para fins diversos da navegação. Contudo, nenhum dos três a ratificou. Temos depois um sexagenário acordo bilateral Egito-Sudão sobre a partilha do rio menosprezado pela Etiópia. De maior relevância deveria ser o acordo tripartidário de 2015 – que impede a adoção de medidas unilaterais respeitantes à gestão do Nilo – mas é excessivamente minimalista, e também ele descaradamente sonogado pela Etiópia. É a prova que por muito importante que seja o Direito Internacional, os interesses de um país estão sempre sobrepostos, assumindo-se como razão suficiente para o ignorar ou deturpar. Putin que o diga.

É paradoxal que os governos africanos em geral (e o etíope em particular) continuem a apostar numa via potencialmente efémera como as barragens, quando o continente tem condições ímpares para apostar noutros tipos de energias renováveis mais sustentáveis. Relativamente à Etiópia, a ONU já foi clara ao apontar especialmente o seu potencial geotermal.

### Nilo Barrado a Yuans

Conhecemos o crescente interesse chinês em África. Os Africanos veem no gigante uma oportunidade, uma fonte de “skills”/tecnologias necessárias para a diversificação das economias. Pequim tem investido fortemente, mas mais que retorno económico – o investimento flui unilateralmente – busca dividendos geopolíticos. Parceiros africanos possibilitam uma dilatação do perímetro chinês na cena internacional, conferindo maior influência e maior pressão exercida sobre o principal rival, EUA, contrabalançando-os nas instituições multilaterais.

A GBRE não escapa à malha chinesa. Parte dos fundos provieram dos próprios etíopes dentro e fora de portas, mas mais de \$1 bilião foram providenciados pelo Banco Chinês de Exportação-Importação, entidade estatal incumbida também de implementar política de comércio externo. Ademais, a China encontra-se diretamente envolvida na construção da infraestrutura devido à participação de empresas estatais como a Gezhouba ou a Voith Hydro Shanghai.

A GBRE, reluzente exemplo de investimento chinês, é apenas um dos muitos projetos na Etiópia. A Etiópia é um pilar na estratégia chinesa em África: cerca de \$14 biliões em empréstimos nos últimos 20 anos, o financiamento da construção da sede da própria UA em Adis Abeba, e do Centro Africano para o Controlo de Doenças – fulcral na gestão da Covid – ou a ferrovia Adis Abeba-Zona de Comércio Livre Internacional do Djibouti (parte da BRI) atestam a importância da Etiópia para o gigante asiático.

A China conta ainda com investimentos chorudos no Sudão e Egito, entre eles, respetivamente, o Porto de Haidob e 85% do capital investido na nova capital administrativa egípcia.

Tal faria da China um player incontornável na resolução da contenda, mas essa não é sua vontade: além de contrariar a retórica não-intervencionista de “resolver problemas locais por meios locais”, a China caminha qual equilibrista: procura não perder compostura perante nenhum país, todos importantes parceiros, embora, face ao embrenhamento na GBRE, dificilmente seja imparcial: ademais, como um bom investidor, a China olha para os (muitos) projetos em carteira...

Se há culpado pela preponderância das barragens na região é a China, envolvida em projetos similares à GBRE em mais de 20 países: o avanço desses projetos dependerá parcialmente da viabilidade da GBRE, fazendo desta não só um símbolo da crescente influência chinesa, mas um barómetro para o seu sucesso.



### Curveball Ucrainiana

Os últimos anos têm sido frutíferos em encontros entre Etiópia, Egito e Sudão... Mas nenhum produziu qualquer acordo. Foram vários os mediadores chamados, com destaque para União Africana (UA) e EUA. Registaram-se ainda, em 2020, apelos vindos de Cairo e Cartum ao próprio Conselho de Segurança da ONU para que interviesse.

Na última reunião de abril de 2021, em Kinshasa, a Etiópia recusou tanto uma proposta sudanesa prevendo a inclusão dos EUA, UE e UA como supervisores das negociações, como uma egípcia – menos ambiciosa – promovendo a retoma das negociações sob auspícios da UA.

A invasão russa foi desencadeada quatro dias após a inauguração da GBRE. E o timing dificilmente seria pior. Embora a recusa implícita dos Etiópes em prosseguir negociações tenha então reduzido as probabilidades de uma solução diplomática antes da inauguração (cenário confirmado), se havia alguma réstia de esperança para conversações mediadas urgentes, essa foi abatida por Putin.



The New York Times

Uma maioria de países africanos tem feito por permanecer neutral atendendo à crescente influência russa em África, materializada em alguns casos recorrendo a alianças militares (via Wagner) com países a braços com insurgências. Foram poucos os que efetivamente condenaram; e na Assembleia Geral da ONU, no passado dia 2, dos que votaram, apenas 28 fizeram-no favoravelmente; 16 abstiveram-se e a Eritreia figurou no quarteto pró-russo.

Pouco importa. Não só a UA já provou ser incapaz de resolver a questão, como é de esperar que, durante o conflito, as diplomacias americana e europeia não estejam aptas para mediar, estando ocupadas com a segurança ocidental. Bruxelas, ademais, embora não recuse mediar, já transmitiu ao Egito a necessidade prévia de um acordo básico tripartido.

Por causa desta crescente influência, os próprios países africanos estão a ser pressionados pelos EUA a tomarem uma posição mais assertiva. Quando perceberem que os benefícios da relação moscovita só se manterão com uma Rússia capaz de os providenciar poderão ser empurrados para a esfera diplomática da guerra, quiçá através da UA. Nem a China parece ser uma solução viável: os seus olhares centram-se na Ucrânia – tendo-se já oferecido (interesseiramente ou não) para mediar conversações russo-ucranianas – podendo ser, aliás, apesar da ambiguidade, a grande esperança para impor contenção no Kremlin.

A solução urgente poderá residir em... Abu Dhabi. Em janeiro, tanto Al-Sisi como Ahmed deslocaram-se aos Emirados para reuniões com o sheik Al-Nahyan. Os Emiratis exercem forte influência em Adis Abeba (apoiam Ahmed contra a oposição interna) e têm uma estreita relação com o Cairo. Contudo, a repentividade dos encontros não é bom presságio. O resultado de tudo isto é simples: se os Emiratis falharem, ninguém está disponível para apagar o fogo que a Etiópia alastrou... temendo-se uma escalada violenta.

### A Próxima Guerra?

A tensão é tal que há receios de uma guerra regional. A guerra não desapareceu do nosso léxico: recordando Clausewitz, definimo-la como “continuação da política por outros meios”.

Já ecoaram ameaças veladas entre Pirâmides, com Al-Sisi, após Kinshasa, referindo que “tudo estaria em aberto”. O Cairo sempre classificou o Nilo como “questão de segurança nacional”, havendo registo de ministros da Defesa dispostos a agir militarmente.

A esses fatores juntam-se os exercícios militares conjuntos com o Sudão, rotulados “Guardiões do Nilo” numa clara mensagem para Ahmed. Uma guerra poderia servir ainda como ferramenta de união nacional para ambos governos, os dois a braços com grande divisão interna, estando Cartum inclusive em transição do mandato de Al-Bashir.

Do lado etíope, não abonam as recentes acusações de apoio sudanês e egípcio aos rebeldes combatendo no Tigray há mais de um ano – o mesmo conflito que ameaça o frágil compromisso com Etiópia-Sudão referente às fronteiras. Embora este cenário seja possível, a geografia etíope (sem costa e muito montanhosa), a presença de múltiplas bases estrangeiras nas proximidades, os custos de reputação, a situação política sudanesa ou a possibilidade de um golpe gerar cheias imediatas em localidades sudanesas podem resfriar intenções.

A Etiópia, com este projeto – unindo um país igualmente dividido – aponta às estrelas, vendo-as já refletidas nas águas do novo reservatório. Perante uma barragem que é alegoria para o patriotismo, o clima ou um “scramble for Africa” económico, resta saber se o desejo de prosperidade de uns não empurrará aqueles mais dependentes do Nilo para algo que se arrependam, e se esta enorme confiança etíope de desenvolvimento não esmorecerá no tempo... se o sonho vira pesadelo.



So You Want to Talk About  
What's Been Happening in...

# YEMEN

BY NADA EL-MAJRI



The Yemeni Civil War has been ongoing since September 2014 and has internationally marked the nation as the largest humanitarian crisis in the world.

As a multilateral war, it has brought in outside interference from Saudi Arabia, the UAE, Iran, Egypt, Morocco, Jordan, Sudan, Kuwait, Qatar, Bahrain, Russia, the UK and USA. All these international states represent one of the two sides of the war, the Yemeni government led by President Abdrabbuh Mansur Hadi and the Houthi armed government. Both claim to constitute the official government of Yemen.

The whole conflict is rooted in the failure of the political process that was supposed to have been adopted to bring stability to Yemen after the 2011 Arab Spring revolutions that rippled through the Middle East and North Africa. The revolution helped oust Yemen's long-time authoritarian president, Ali Abdullah Saleh, and reluctantly handed over power to his deputy, current President Hadi.

When elected, President Hadi struggled to deal with various issues, including attacks by jihadist groups, a separatist movement in the south of Yemen, the continuing loyalty of security personnel to former President Saleh, and corruption, unemployment and food insecurity.

## LÁ FORA

The Houthi movement, a Zaidi Shia Muslim minority that fought a series of rebellions against Saleh during the 1990s, took advantage of President Hadi's weakness. The critical thing to note here is that Yemen's population is predominantly Sunni Muslim. The Houthis, being Yemeni Shiites, are not loyal to their country but Iran, and their religious leader, the Imam. Given Yemen's proximity with Saudi Arabia, a Sunni Muslim state, the Houthi's augmenting presence is a massive threat to Saudi's balance of power. Because of this, Saudi Arabia has used President Hadi and his administration like puppets to carry out near-continuous airstrikes on Houthi strongholds, including access points for the majority of humanitarian aid coming into the country.

Although Hadi has international recognition, following the 22 January 2015 armed takeover by Houthis, his position as president of Yemen has been rejected by Houthis. Because of ongoing military operations inside Yemen, Hadi spends much of his time in exile in Saudi Arabia. Alarmed by the rise of a group they believed to be backed militarily by regional Shia power and rival Iran, Saudi Arabia and eight other mostly Sunni Arab states began an air campaign to defeat the Houthis, ending Iranian influence in Yemen and restoring President Hadi's government. The coalition received logistical and intelligence support from the US, UK and France.

The Houthis also weathered the collapse of their alliance with Ali Abdullah Saleh in 2017. The former president was killed fleeing Sanaa after he appeared to switch sides. In 2018, the coalition and its allies - now joined by Saleh loyalists - attempted to break the deadlock by launching a major offensive to capture from the Houthis the Red Sea city of Hodaydah, whose port is the principal lifeline for millions of Yemenis at risk of famine. After six months of fierce fighting, the warring parties agreed on a ceasefire.

The agreement required them to redeploy their forces from Hodaydah, establish a prisoner exchange mechanism, and address the situation in the city of Taiz, which the Houthis have besieged since 2015. While hundreds of prisoners have been released, forces have not been wholly redeployed, and the siege of Taiz continues, raising fears that the battle for Hodaydah's port could resume at some point and trigger a humanitarian catastrophe.

In 2021, the Houthis went on the offensive in Marib, the government's last stronghold in the north and the capital of an oil-rich province. The UN has called for a ceasefire, warning that an all-out battle for the provincial capital could put two million civilians at risk and cause mass displacement. The Houthis have also stepped up their ballistic missile and drone attacks on Saudi Arabia, often hitting civilian infrastructure. Saudi and US officials have accused Iran of smuggling parts for the sophisticated weapons and conventional arms like rifles and rocket-propelled grenade launchers into rebel-held Yemen in violation of a UN arms embargo. Iran has denied the allegation.

President Hadi's government has been based for the past six years in the southern port city of Aden. Still, it has struggled to provide essential services and security, and the president himself continues to be based in Saudi Arabia.

The government's authority there has also been challenged by the separatist Southern Transitional Council (STC), its ally in the war against the Houthis but wants an independent South Yemen, which existed from 1967 until unification with the north in 1990.

In 2018, STC-aligned forces supported by the United Arab Emirates ousted Saudi-backed Hadi loyalists from Aden and several neighbouring provinces, accusing the president of mismanagement and links to Islamists.

## LÁ FORA



The infighting ended when Saudi Arabia intervened in late 2019, months after the UAE announced the withdrawal of its forces from Yemen.

The Riyadh Agreement offered the STC a role in government in exchange for a withdrawal of its forces from Aden and their integration into the military and security forces. But the deal has not been fully implemented, and tensions remain high.

Militants from al-Qaeda in the Arabian Peninsula and the local affiliate of the rival Islamic State group (IS) have also taken advantage of the instability, carrying out deadly attacks and occasionally seizing territory from the government in the south. As a result of the escalation of hostilities in 2021, the prospects for a nationwide ceasefire and a political solution appear slim. However, UN efforts to reboot peace talks were boosted by changes to the US policy towards Yemen announced by President Joe Biden in 2021. He revoked the Trump administration's designation of the Houthis as a terrorist group and ended support for "offensive operations" by the Saudi-led coalition.

Despite Hadi collaborating with Saudi to bomb his own country and people, which he is meant to protect, the conflict has become more than just a civil war. Yemen has some of the most significant rates of poverty, famine & unemployment in the world. It is a real humanitarian crisis that doesn't look like it will end before the big men in power decide when it's enough. The UN says the war has resulted in shocking levels of suffering. In December 2020, it was reported that the conflict had caused an estimated 233,000 deaths, including 131,000 from indirect causes such as lack of food, health services and infrastructure. Tens of thousands of civilians have been killed or wounded as a direct result of the fighting, including more than 10,000 children.



## **Como? Quem? Qual?: As Questões Atuais da Cibersegurança**

POR ANTÓNIO CEBOLA, LAURA GUIMARÃES

O primeiro trimestre de 2022 tem sido, no mínimo, agitado, quer em Portugal, quer no resto do mundo. Internacionalmente, o que se pode destacar são, sem dúvida, as tensões entre a Rússia e a Ucrânia que, no final do mês de fevereiro, concretizaram-se numa invasão russa ao território vizinho. A nível nacional, as coisas também não têm andado pacíficas, sobretudo, no que toca à cibersegurança, uma área que, por alguma razão, nunca foi devidamente cuidada pelo Estado ou pelas empresas em Portugal.

Ao longo dos meses iniciais deste ano, foram diversas as instituições e empresas nacionais vítimas de ciberataques, o que mostra que Portugal alterou a sua condição neste âmbito: era maioritariamente espectador de ataques deste género no estrangeiro, negligenciando a área; agora, é uma vítima constante – e fácil – deles.

## ESTADO DE DIREITO(S)

Recorde-se de alguns dos casos: o grupo Imprensa, o maior grupo de comunicação social português, o site da Assembleia da República, o grupo de laboratórios Germano de Sousa e a Vodafone Portugal foram os mais impactantes. Todavia, de todos os mencionados, o da Vodafone Portugal foi, possivelmente, o que mais agitou a sociedade portuguesa dado o impacto que causou imediatamente, tendo sido definido por alguns especialistas na área como um crime de ciberterrorismo.

Com este artigo, pretendemos analisar esta questão, baseando-nos para isso em pressupostos teóricos, e na forma como nos devemos preparar para esta nova realidade que parece ter vindo para ficar no território nacional.

### Pressupostos Teóricos

O US Department of Defense define terrorismo como “uso premeditado e calculado de violência (...), com o objetivo de incutir medo e terror (...) a serem alcançados fins políticos, económicos e ideológicos (...)”. De facto, para um ato se classificar como terrorismo tem de cumprir os critérios da intenção, motivo e danos graves. Sendo que a globalização submete as nossas vidas cada vez mais à mercê da tecnologia, o medo de ciberataques é tendência crescente.

O problema do combate a este fenómeno aloca-se no facto de este setor ser ainda de complexidade extrema (também devido à falta de enquadramento legal – por outras palavras, ser um paraíso para hackers) e à dificuldade de rastreio da origem dos ataques e dos estragos que produzem. Nesta era da informação, a ignorância e a dificuldade para a obter no que toca a esta situação é verdadeiramente paradoxal. Contudo, há que tentar listar alguns factos e opções sobre os ataques em questão.

Estes foram ataques terroristas direcionados e não apenas um clássico caso de phishing, no qual tudo o que cai na rede de pesca é bem-vindo. Com esta opção descartada, restam muitas outras. Como é possível que ciberataques como estes se materializem?

Decerto que as entidades competentes terão as suas conclusões, mas, para a restante sociedade, resta a teorização do que pode ter acontecido. Primeiro, é ideal mencionar brevemente as fases de um ciberataque (nem todas necessariamente presentes em qualquer um), para melhor o entendermos. Após uma etapa inicial de reconhecimento, tipicamente, segue-se uma fase de deteção de uma vulnerabilidade ou ponto de entrada para a rede. Pode também existir uma fase de codificação e execução, após a qual se efetua o acesso e a escalada, que permitirão a recolha de dados e exploração do sistema, etapa após a qual poderá haver – ou não – uma fase de limpeza.

Após isto, é também interessante mencionar (algumas) das formas como um ciberataque pode ser feito. A possibilidade de uma Zero Day Exploit está presente neste tipo de ações, através das vulnerabilidades que uma empresa pode ter – sem saber que as tem ainda –, e para a qual não desenvolveu ainda um patch de segurança, permitindo aos hackers avançarem, sendo que o podem fazer de várias formas. Uma Advanced Persistent Threat é uma opção – na qual o hacker, mesmo depois do ataque, pode permanecer ativo na rede em questão sem ser detetado –, tal como o uso de malware, ou de Denial of Service, muito comumente através do uso de Bot Networks. Note-se que esta exposição engloba apenas algumas das inúmeras opções que este artigo não consegue cobrir.

## ESTADO DE DIREITO(S)

Por fim, e não necessariamente à parte dos conceitos apresentados, é importante referir as Insider Threats (ameaças internas), que nos fazem reiterar a necessidade de haver um investimento na cibersegurança e literacia cibernética para que vulnerabilidades sejam mitigadas. Podendo ser utilizadores comprometidos, maliciosos ou apenas descuidados, a característica comum entre os três é a de estarem (propositada e conscientemente, ou não), comprometidos, permitindo o acesso fácil ao sistema por eles mesmos ou por outros atores para roubo de informações e ficheiros, ou instalação de um determinado malware, por exemplo. Isto é preocupante por motivos óbvios, e exatamente por este tipo de agente poder contribuir para facilidade de execução de um ciberataque, nunca é demais alertar para a necessidade do aumento do investimento em cibersegurança em Portugal.

### O Impacto do Caso Vodafone Portugal

O Presidente-executivo da Vodafone Portugal, Mário Vaz, declarou que a empresa havia sido alvo de um “ataque terrorista e criminoso” a 7 de fevereiro de 2022. A mensagem desta declaração foi discutida por especialistas não só de cibersegurança como também de outras áreas como o Direito que, formalmente, se encontra numa posição desprivilegiada face à regulação legal do ciberespaço.

Há argumentos que sustentam esta afirmação de Mário Vaz, nomeadamente os que se apoiam na falta óbvia de enquadramento legal para este espaço, tanto a nível internacional como nacional – talvez um problema cuja resolução não poderá esperar muito mais. Veja-se que esta carência pode ser aliciante no contexto de guerra em que vivemos, visto que, neste ambiente, se poderá dar margem para determinados comportamentos de certos atores com motivações geopolíticas.

Como o Professor João Tribolet avançou ao Jornal i, “Todos os estados membros da NATO estão a ser alvo deste tipo de ataques”.

No entanto, outras vozes manifestaram que a culpa destes acontecimentos pode ser resultado das ações da própria Vodafone Portugal, nomeadamente, da sua falta investimento e, até, negligência em relação aos conselhos dos especialistas em cibersegurança. Esta alegada teimosia e falta de flexibilidade dos cargos de topo de empresas pode, como alguns afirmam em relação ao caso em análise, ter implicações sérias no funcionamento interno da mesma e nos serviços que presta à população.

Neste assunto, que tem suscitado tantas opiniões contrastantes, assumimos que, talvez, esta questão não seja tão dual quanto a tenham pintado. Queremos com isto dizer que, provavelmente, o caso do ataque ciberterrorista à Vodafone Portugal resulta da falta de cuidado e preocupação com os assuntos do ciberespaço, como também de motivações geopolíticas num momento em que, sabemos nós agora, um conflito na Europa estaria ainda no seu estado embrionário. Fontes alegam que o hacker por detrás dos ataques teria cidadania russa, o que sustenta que os ataques registados nos países-membros da NATO possam ter servido de tubo de ensaio para outros de maior escala a decorrer no futuro.

### Considerações Finais

Inspirado pela ideia de Newton de que para cada ação tem de existir uma reação, as empresas e, até, mesmo os Estados têm de aceder a um conjunto de ações preventivas que, sem eliminarem totalmente a possibilidade de este tipo de ataques, mitiguem a sua intensidade ou ocorrência, ao mesmo tempo que tenham a capacidade de acionar medidas interventivas para facilitar resoluções futuras.

## ESTADO DE DIREITO(S)

À luz do caso que analisamos, estes ataques podem resultar, por exemplo, na violação dos direitos de privacidade em relação aos dados pessoais, nesta situação, dos consumidores dos serviços da Vodafone Portugal. Ressalve-se que, com isto, não estamos a assumir que os dados destes consumidores foram roubados, apenas utilizamos o caso como exemplo da importância de refletir e ponderar acerca deste tópico de importância crescente na sociedade digital.

Como supramencionado, tanto as ações preventivas como interventivas devem ser tomadas como aliadas no combate ao ciberterrorismo, sendo que devem ser formuladas com base numa estratégia específica, palpável e pragmática com objetivos atingíveis, relevantes e realistas que permitam a monitorização ao longo do tempo.

Para além do investimento na área, outros exemplos de medidas preventivas podem passar pela aposta na formação em cibersegurança e pelo estreitamento de canais de partilha de informação sobre cibersegurança. Veja-se que a educação em assuntos do ciberespaço não deve ser exclusiva aos que têm cargos mais elevados mas, sim, estendida a toda a sociedade dado que, na era digital, todos somos atores do ciberespaço e qualquer um pode ser ameaçado ou uma ameaça mesmo sem o saber. Por sua vez, revela-se fulcral a comunicação entre entidades empresariais mas também estatais de modo a que toda esta rede esteja informada do que se passa.

Note-se que a não-partilha de informação por uma parte deve ser diminuída a todo o custo para que a cooperação seja frutífera.

No que concerne as ações interventivas, talvez, de facto, possamos não esperar muito mais sob pena de caos legal acerca dos assuntos do domínio cibernético.

Assim, a promoção de um diálogo acerca do quadro legal interno e regional europeu deve ser tida e levada com seriedade, devendo estes assuntos ser alvo de um debate ativo na sociedade civil e nas instâncias governativas. Surgem, portanto, questões acerca do papel que o Estado pode ter na responsabilização dos atores do ciberespaço com afiliação nacional. Será que o Estado deveria obrigar todas as empresas com filiação portuguesa a fazerem auditorias de cibersegurança regulares com uma empresa à sua escolha?

De qualquer das formas, independentemente do ator cibernético, seja este um Estado, uma empresa ou, até, um indivíduo, é importante que opte por uma atitude proativa no domínio da cibersegurança.

Deste modo, cada ator deve reconhecer as suas vulnerabilidades e trabalhar para atenuá-las, estando, em certos casos, consciente que a sua proatividade pode ser interpretada por outros com animosidade. Porém, este é um risco natural que vale a pena correr uma vez que, no futuro, ninguém sabe como é que ciberataques poderão acontecer, quem poderão afetar e a que escala se poderão dar.



## Guerra, Género e Mulheres

POR INÊS SIMÕES

É já desde o final de fevereiro que somos confrontados com uma realidade que, pelo menos no continente europeu, esperávamos já não nos vir a deparar. Era, efetivamente, algo distinto e o mito da paz perpétua de Kant parecia pairar no ar, pelo menos, desde o início do projeto europeu.

Conquanto isto, apesar de mitos, esperanças e veleidades aparentemente utópicas, tal aconteceu. A guerra deflagrou apenas a uns países de distância e todos os dias somos disso lembrados quer seja por meio de imagens, vídeos, pelo influxo de refugiados que entram na União Europeia, pelos donativos que nos são pedidos.

Somos, no entanto, acima de tudo lembrados pelo horror que este conflito veio despertar – um horror que parecia há muito já um monstro meio adormecido na natureza humana, algo até inimaginável, pelo menos, diga-se de passagem e volte-se a frisar, no continente europeu, uma vez que fenómenos destes são o quotidiano em muitos outros países, há vários anos já, não tendo neles um fim à vista sequer.

## ESTADO DE DIREITO(S)

É, portanto, daqui que parto para lançar o mote para este texto, não necessariamente o da guerra na Ucrânia ou em qualquer outro local em particular, e não necessariamente a guerra enquanto fenómeno que afeta a humanidade na sua generalidade, mas sim enquanto fenómeno direcionado e que afeta uma fação muito específica e característica da mesma: as mulheres.

Com efeito, conflito e género são dois conceitos muito importantes de serem estudados a par e par, de se relacionarem entre si e serem interdependentes, na medida em que a própria guerra é uma atividade marcada pelo género, que afeta cada um deles de maneiras e formas diferentes, não obstante, a perspetiva dominante ser ainda a masculina, a da guerra enquanto um fenómeno que afeta maioritariamente e predominantemente homens, como se os próprios fossem os únicos visados, como se a guerra e o conflito em si não fossem fenómenos machistas que perpetuam e aprofundam estereótipos de género já previamente existentes.

Começo com dois exemplos, um fictício e um real, de modo a demonstrar e a provar o já argumentado. O fictício prende-se com o livro “Ensaio sobre a Cegueira”, de José Saramago. Nele, enredo à parte, existe um momento em que, em momento de troca de alimentos, um grupo de mulheres se vê obrigado a utilizar o seu corpo como meio de pagamento, sendo, inclusive, algumas delas violadas pelo grupo de homens que detinham posse desses mesmos recursos.

O segundo exemplo, infelizmente real, é proveniente de Arthur do Val, um político brasileiro que, em meados deste mês, viu áudios seus vazados, onde dava a entender que teria ido à Ucrânia, já no decorrer da guerra, com o intuito de turismo sexual, dizendo que as mulheres ucranianas eram “fáceis, porque são pobres”, que tais mulheres em São Paulo nunca lhe dariam atenção nenhuma, proferindo até comentários sexistas e sexuais sobre as próprias polícias e militares que se encontravam nos checkpoints, inclusive, sobre as próprias refugiadas que esperavam para abandonar o país.



## ESTADO DE DIREITO(S)

Ambos os exemplos procuram, portanto, demonstrar a maior vulnerabilidade a que o género feminino fica exposto em situações de guerra, de conflito, em situações em que, por sua vez, a lei tende a esmorecer ou a ficar sem efeito.

Por sinal, são já vários os conflitos passados ou atuais, quer no Ruanda, quer na Bósnia, na Somália ou no Sudão, que nos dão conta dos maiores perigos a que as mulheres ficam expostas: violações, violações em grupos, infeções sexualmente transmissíveis, a serem refugiadas, a ficarem viúvas, a terem de sustentar a sua própria família e, para isso, terem de recorrer à prostituição, a serem vítimas de tráfico sexual.

Efetivamente, por estranho que possa até parecer, são elas quem mais lida com os efeitos indiretos da guerra, sendo que esta afeta desproporcionalmente a sua esperança média de vida, a título de exemplo.

Já em termos de efeitos diretos e mais dentro do que vinha a expor, são vários os testemunhos que dão conta de mulheres que, nestas situações, são obrigadas a desposar os próprios criminosos e opressores; de mulheres que são vítimas de violência doméstica por parte dos próprios maridos militares; de mulheres que, vítimas de abusos sexuais, sofrem agora das consequências desse mesmo trauma; de mulheres que engravidaram jovens, fruto de violações e que agora se vêm obrigadas a ser mães solteiras; testemunhos de mulheres que vêm até as suas necessidades mais básicas, essenciais e biológicas, nomeadamente menstruais, a serem suprimidas em prol de outro tipo de recursos que são vistos como mais primordiais.

Numa nota à parte, felizmente vemos que agora com a situação da Ucrânia há uma preocupação acrescida em angariar e pedir produtos menstruais, no entanto, tal nem sempre acontece, pois, lá está, essa não costuma ser entendida como uma prioridade. Com efeito, quando a imagem que se tem do refugiado típico é a masculina, é fácil deixarmos passar questões dessas ao lado, não obstante, grande parte dos refugiados resultantes de situação de guerra, serem mulheres e crianças.

O que importa aqui, portanto, é alterar o conceito de guerra para um que não tenha apenas que ver com o seu lado mais militar, mais interventivo, bélico, masculino e machista, mas sim ter também em conta o que situações destas de conflito deixam à descoberta, na medida em que as desigualdades acima mencionadas são já prevalentes em tempos de paz, como havia já referido, mas agravam-se quando a anarquia parece reinar, quando, acima de tudo, o sentimento de impunidade parece ser o predominante e se sabe que os crimes dos perpetradores não vão ter consequências, quando tudo parece ser legítimo e quando todas as táticas de guerra, exceto matar, parecem ser mais ou menos válidas.

Quando, mais do qualquer outra coisa, a mulher, e o seu corpo, é entendido e percecionado como um objeto, não somente de troca, mas um objeto em si, algo que pertence aos violadores, que é parte do território e que merece ser conquistado, possuído, reclamado. Mulher não é ser com autonomia, com pensamento e palavra própria, nem sequer em tempos de paz, portanto, como é que tal seria garantido e assegurado numa situação de guerra, no momento mais exacerbado da masculinidade e do patriarcado como ele existe e nos é apresentado?

## ESTADO DE DIREITO(S)

Com efeito, até mesmo em momentos de pós-conflito, estas tendências de “demarcação de território” do corpo da mulher acontecem, com as próprias forças preservadoras da paz a abusarem e a aproveitarem-se da sua vulnerabilidade. Ou seja, mesmo quando se espera que o pior tenha já terminado, acontece que os horrores e as repercussões, dessa mesma guerra, parecem prolongar-se e estender-se para além tempo, sendo que este é, inclusive, um problema da própria ONU e das suas próprias forças de peacekeeping, elas mesmas perpetradoras deste tipo de abuso para com as mulheres de zonas que se procuram proteger.

Uma ação que vai, até, contra a resolução 1325 da organização.

Vai contra, porque esta resolução, que data do ano de 2000, refere que deve ser dado um papel mais relevante às mulheres na resolução de conflitos, que as suas necessidades, preocupações devem ser tidas mais em conta; que deve ser feito o esforço para que os crimes já mencionados não se alastrem em tempos de guerra, o esforço para garantir e lhes assegurar proteção, acima de tudo. Muito se fala, por isso, em colocar mais mulheres nestas forças de manutenção de paz, de modo a contornar as atrocidades cometidas por homens, no entanto, o problema é muito mais profundo do que simplesmente fazer a mudança de homens para mulheres, não obstante, tal também ser uma mudança relevante.

Ainda assim, a mudança passa, sobretudo, por dar e por assegurar uma maior relevância política, social e económica às mulheres na sociedade. Efetivamente, estudos apontam para que, apesar de, no decurso da guerra, as mesmas ganharem mais relevância e assentos parlamentares, de ganharem e terem uma maior importância em termos de tomada de decisão, a verdade é que essa não é uma tendência que se mantém nos anos seguintes.

De facto, a verdade é que, e muito com base nesta perspectiva mais masculina e militar que se tem do conceito de guerra, se tende a depreender a mulher como sua vítima somente, como alguém que deve ser protegido no decorrer e após o término da mesma.

A mulher não é, com efeito, encarada como um agente da mudança, como alguém capaz de propor medidas efetivas capazes de incitar revolução, alteração, novidade na sociedade. Desta feita, a sua área e a sua esfera de intervenção, no entender de muitos, continua a ser a privada, a doméstica – as tarefas do lar –, daí que, mesmo que a mulher ganhe alguma relevância económica e alguma independência no decorrer do conflito, quando é necessário que alguém providencie o lar na falta do esperado providenciador, se espera que a mesma depois retorne às suas habituais tarefas quando o “homem da casa” retornar.

A falha está, portanto, em não compreendermos e em não dedicarmos um espaço próprio à mulher na esfera pública, em se deixar que a mesma seja considerada uma cidadã de segunda categoria, em não trabalharmos para alcançarmos a sua libertação e emancipação, em fazermos depender esta suposta segurança da mulher em meras políticas públicas e leis, em não alcançarmos a tão temida por alguns igualdade de género.

Igualdade de género esta que limita posições intervencionistas, que não é tão favorável a guerras, por considerar e ter em conta todas as suas facetas, não apenas a belicista, não apenas a imediata, aquela que apenas se traduz no destacamento de soldados para ir combater, mas que considera sim o deslocamento de milhões de mulheres, as táticas de intimidação que tais soldados podem utilizar para aterrorizar populações, o sofrimento que essa mesma guerra pode inculcar nas mulheres desses mesmos soldados.

## ESTADO DE DIREITO(S)

Deixar, portanto, que decisões destas estejam apenas, desde há décadas, nas mãos de homens, é deixar que questões destas fiquem de fora, sejam deixadas de lado e não sejam sequer tidas em consideração, e é algo que deve ser batalhado.

O fim da guerra é, então, uma questão feminista, porque as mulheres são das principais visadas, são aquelas sem autonomia e sem poder de decisão, aquelas que são empurradas para o conflito, aquelas mais propositadamente atacadas e abusadas como forma de violentar e demonstrar poder, aquelas a quem nunca são pagas indemnizações ou sequer feitos julgamentos para condenar abusadores, não obstante as marcas, psicológicas, físicas, económicas e sociais, que tais fenómenos lhes deixam.

Aquelas cujo corpo é moeda de troca, “coisa” que não lhes pertence, que é tudo e nada ao mesmo tempo, ser simultaneamente desejado e conspurcado, precário, pobre, deslocado.

Não haverá, portanto, sociedade igualitária e feminista enquanto a guerra se perpetuar, persistir e perdurar. Enquanto teirmos em fazer do ser humano meio para os nossos fins. Enquanto objetivos e questões nacionalistas forem mais importantes que a vida de alguém.



## *The West Wants You*

POR ALEXANDRE GÓIS

O que faz de nós europeus? Independentemente das diferenças que existem entre os vários povos, desde a Escandinávia, passando pela Europa central até ao leste europeu, como podemos definir este laço comum?

Gostaria de usar uma definição dada por Roger Scruton que considero responder ao problema de forma completa: «I count myself as a European because I was born in a european country, and not a European Union country, but much more importantly because I am heir to the christian faith, the Roman Law and the civilization of Europe; embodied in its institutions as universties and above all in its parlaments and political procedures which to me is the most important fact».

De realçar assim dois aspetos nesta resposta que serão importantes para a nossa reflexão: remetem-nos, em primeiro lugar, para um conjunto de valores que, por um lado, são superiores a nós, mas, por outro, ligam-nos num laço comum; em segundo lugar, que o ser europeu vai muito para lá de qualquer organização supranacional.

Valores que transcendem a Europa e englobam o ocidente no seu todo. São mais que um ideal, são a nossa essência enquanto comunidade.

## A MEU VER

Neste sentido, quando olhamos para a ameaça russa ao invadir a Ucrânia percebemos o que de alguma forma nos toca a todos e somos chamados na sua defesa; pois não é uma mera ameaça militar russa que está em causa na Europa, mas sim o partir de uma camada frágil que com tanto suor e sangue conquistamos no limite, no fim da Segunda Grande Guerra Mundial.

Apesar de a Ucrânia ser um país dividido internamente e que tem sempre um pé historicamente na Rússia e outro na Europa, aqueles que estão a defender o seu país e se recusam a serem dominados mostram estar ligados tal como nós a este laço. E parece que nós europeus entendemos este conflito como uma «wake-up call» para a importância destes valores e o nosso sentido de responsabilidade.

A surpreendente coesão que temos assistido entre a NATO e U.E. pode ser explicada desta forma. O próprio Reino Unido, mesmo com o Brexit, mostra que a UE não tem nada a ver com a partilha deste espírito que nos une a todos. O próprio, mesmo que mais teoricamente do que na prática, mostrou-se disposto a voltar atrás na sua política de refugiados para a ajuda humanitária da Ucrânia. No entanto, não deveria ser preciso uma catástrofe deste género para tal. Somos sempre europeus e não apenas quando as coisas dão para o torto. Inclusive, por muito impopular que seja admiti-lo, quando olhamos para o mundo «it's the west and rest».

Não é possível invejar as nossas democracias, até porque não existe um sistema melhor, e não partilhar a mesma conceção de direito natural que se reflete nas mesmas. Não significa que as restantes culturas e religiões não tenham o seu valor, mas não podem servir de inspiração para alcançar o mesmo que o ocidente construiu. E se o ocidente ainda acredita nisso tem que necessariamente encontrar-se a si mesmo e definir uma abordagem diferente.

A própria liderança do ocidente tem que partir também da Europa e não apenas dos americanos, onde tem de se tirar o melhor proveito possível da UE (por mais difícil que possa ser). A Rússia e a China não podem continuar a ter «a faca, o pão e o queijo na mão» quando põem em causa a nossa identidade e conservação. Ambos têm que saber que o ocidente não é um recreio onde podem vir roubar o dinheiro aos «miúdos» mais pequenos e achar que o resto da turma e professores não vão responder de volta e sem medo.

Uma questão que podemos formular a partir das constantes ameaças desmedidas de Vladimir Putin que temos assistido é a seguinte: somos verdadeiramente respeitados? O facto de a sua palavra nunca ser segura mostra que no fundo Putin pensa que o ocidente não é verdadeiramente uma ameaça. Na minha opinião, se passamos por uma crise de identidade torna-se mais fácil para aqueles que nos querem tirar o lugar ou minar a nossa reputação, fazê-lo. Se o ocidente está enfraquecido, líderes autoritários como Putin e Xi Jinping vão cheirar o sangue como duas hienas esfomeadas e não vão ter problemas em morder (como se pode perceber nos dias que correm).

Assim sendo, como podemos então ser respeitados? Em primeiro lugar, considero que temos de repensar a perspetiva que temos da ideia de Nação. Portanto, vou aproveitar a mesma definição que dei num artigo que escrevi para outra edição. Enquanto Estado-Nação somos uma «comunidade leal ao mesmo território, que comunica por uma mesma língua e partilha os mesmos valores que mantém um grupo de estranhos ligados uns aos outros, inclusive dispostos a sacrificar-se à “beira do abismo”».

Estamos assim unidos a uma obediência, não de laços de sangue ou de uma religião, mas de gratidão para com os nossos concidadãos e os diversos pilares que amamos e desejamos defender.

## A MEU VER

Se é para entender o nacionalismo, é desta forma, como um amor e vontade de preservar a nossa identidade. Não no sentido de superioridade, mas de afirmação. Scruton referia-se à existência de uma «cultura de repúdio» que tenta destruir todos estes valores que deviam ser sagrados, habitando em espaços que deviam ser de pensamento livre: os media e as nossas universidades. Esta atitude é um tiro nos pés, uma demonstração da maior ignorância.

Se necessariamente seguirmos estes pilares que caracterizam um Estado Nação e encontramos necessariamente nos estados europeus, vamos ter à nossa definição inicial de ser europeu; em última instância ao conceito de direito natural que serve de inspiração a estes valores e é comum a todos homens no mundo. Se o nosso foco, em particular dos líderes do «mundo livre», estiver em conservar estes laços desde uma escala mais pequena a uma global, então somos obrigados a traçar linhas muito claras para os nossos inimigos saberem onde não devem pisar e porquê.

Acredito que a própria NATO, a UE e a ONU serão mais coesas. Quando aquilo que nos une é esta verdade no nacionalismo ou um entendimento de direito natural que guie as nossas ações, não temos também qualquer razão para conflito. Possuímos apenas mais razões para sermos consistentes e cooperar com os restantes. Acho que é também importante estabelecer uma diferença sobre a ação da NATO, em particular no mundo. O seu papel a desempenhar e importância são inquestionáveis.

Contudo existe uma diferença entre agir quando esses valores e os seus membros são diretamente ou indiretamente ameaçados, outra é usá-los como desculpa para intervir nos destinos de outros países mascarando os próprios interesses.

Impor a democracia nunca funcionou e temos que aceitar que por mais que nos custe, as decisões de um povo são só suas, mesmo que conduzam à sua própria ruína. Neste sentido, considero que se tentarmos resolver a questão de como é que podemos fazer com que princípios do direito natural regulem e inspirem instituições democráticas em países autoritários, vamos rapidamente envolver-nos numa encruzilhada moral difícil de sair.

Os casos da Rússia e da Bielorrússia são bons exemplos de como devemos saber manusear esta diferença, mas nunca esquecendo dos nossos limites. No meu entender, a evolução da crise ucraniana desde 2014 com a invasão da Crimeia, até aos dias de hoje mostra como nada disto foi posto em prática.

Em jeito de conclusão, gostaria de refletir alguns aspetos importantes. Apesar do referido no parágrafo anterior, o mesmo não se aplica às organizações não governamentais da sociedade civil no papel delas em desenvolver as democracias e condições de vida noutros pontos do globo.

A NATO pode e deve apoiá-las oferecendo-lhes mais recursos, mas o seu trabalho tem que ser independente, seja em que circunstância for. Em segundo lugar, é verdade que nós homens não somos anjos e nos governamos a nós próprios.

O mesmo se aplica à comunidade internacional, a ideia de cooperação ou de institucionalismo liberal tem os seus limites. Não podemos, como referi anteriormente, ser ingénuos em relação às ações e objetivos de Vladimir Putin. As decisões quer do mundo, quer das nossas próprias sociedades civis, em último caso, estão nas mãos dos nossos líderes.

## A MEU VER

Contudo, esses líderes são sempre produto das gentes que os elegem, e, neste sentido, como Leo Strauss relembra (ainda no século XX, e pouco mudou) são na sua maioria resultado de uma sociedade ocidental da modernidade cada vez mais globalizada que perdeu todo o seu sentido de bem e mal, deixando de preservar a sua própria identidade.

Como ele relembra, a única forma de atenuar os efeitos mais perigosos do legado de Maquiavel é voltando atrás no tempo até ao momento em que a filosofia política era verdadeiramente valorizada e contribuía para a nossa conceção de direito natural. Conceção onde o próprio contributo do cristianismo ao nível político e sociológico é inegável.

Strauss conclui que não sendo possível atingir uma sociedade de anjos Kantiana, é possível através de uma sociedade que revitalize no espaço académico e de ensino uma educação das artes liberais, chegar a uma sociedade dos melhores em que esses “melhores” são sempre cada vez mais.

Apenas como nota final gostava de dizer o seguinte: uma vida é uma vida, e nós temos tanta responsabilidade das consequências dos nossos atos lá fora como na nossa “casa”, mas quando é em casa é impossível não sentir como se nós próprios fôssemos os visados. Seja como for devíamos todos pensar no legado que estamos a deixar para os nossos filhos e se lá no fundo ainda temos alguma piedade e amor por aqueles que sofrem.



## **“Polícia Bom é Polícia Morto” - Um Apelo ao Civismo**

POR CRISTIAN BANCU

Antes de qualquer afirmação, devemos desconstruí-la em conceitos, como fazíamos nos exercícios de Lógica do ensino secundário. O sujeito nessa frase é o Polícia. Segundo a enciclopédia Britannica, “a polícia é um conjunto de oficiais representantes da autoridade civil do governo. A polícia é tipicamente responsável pela manutenção da ordem e segurança pública, fazer cumprir a lei, detetar, prevenir e investigar atividades criminais.”

Destaquei a palavra “representantes” porque, de facto, é o que são. Vulgarmente tomamos a polícia como a autoridade por excelência. Aliás, mostro-lhe uma coletânea de textos que ditam as “regras de convivência em sociedade” e dificilmente as cumprirá se não lhe agradarem. Trago-lhe uma figura política democraticamente eleita e dificilmente respeitará alguma ordem direta vinda dessa pessoa.

## A MEU VER

O que lhe faz então vergar-se quase automaticamente perante a figura policial? É precisamente a segunda expressão destacada: o “fazer cumprir”, que na versão original inglesa traduz-se por “enforcing”, isto é, por outras palavras, a Lei faz-se cumprir pelo uso da força (e que força).

O que é, então, um polícia bom? Aqui o “bom” não tem conotação moralista, mas utilitária. Um polícia bom é um polícia útil, um que desempenha bem a função de policiamento anteriormente mencionada. Quer isto dizer que um bom polícia é aquele que usa (e abusa) da força, pois assim a Lei o requer. Até onde é que um polícia consegue ir pela “manutenção da ordem e segurança pública”?

A resposta é até à morte de cerca de 24 000 pessoas, por ano (números com base em dados de anos entre 2016 e 2021), e isto só nos primeiros dez países com maior registo de mortes à mão (ou joelho) de polícias. Não estamos aqui a calcular a moralidade desses homicídios, a ver se são ou não “justificáveis”, mas a analisar os custos humanos da manutenção da ordem, como bem que consideramos valioso.

A morte nem sempre é literal, podendo por vezes ser apenas figurativa: ser preso por um longo período de tempo, transformado pelo ambiente prisional, ficar incapacitado pela má intervenção policial, a expropriação de propriedades, direitos e liberdades, etc.. De que adianta estar vivo se morri socialmente?

**“A Law is an idea with a gun. Good ideas don’t require force.”**

A ordem é uma boa ideia? Se é uma boa ideia, porque requer força? Talvez o papel das leis não seja estabelecer e manter a ordem.

Talvez seja a criação duma ordem artificial por cima duma ordem natural e, como tal, os comportamentos desviantes das convenções humanas sejam apenas manifestações da natural ordem das coisas.

“Toda a lei é uma transgressão da liberdade”, disse Jeremy Bentham. Entendo que sim. Já um polícia diria algo como “Toda a liberdade é uma transgressão da lei”, e daqui surge um problema que é a existência de dois valores últimos, a meu ver, mutuamente excluíveis.

Há, portanto, um conflito, do qual terá que sair um vencedor, pois os dois valores não conseguem coexistir pacificamente. Resta-nos então escolher de que lado queremos lutar: do lado da Liberdade, entendida como ela é, ou do lado da violência institucionalizada?

Como é que é entendida a Liberdade? Ela não é perfeita, mas é melhor. E como desmantelar a instituição da violência “legítima”? Passando por primeiro analisá-la e compreendê-la, para secundamente encontrar soluções práticas. A minha análise passa por constatar que o corpo policial é um meio, uma ferramenta do Estado, assim tendo à minha frente um modelo baseado numa hierarquia de in-puts e out-puts. O aparelho estatal ordena, a polícia cumpre. Qual é pior?

Quem ordena pode ser ignorado e, às vezes, é possível negociar ou raciocinar com ele. Quem cumpre opera com uma mínima capacidade de raciocínio, apenas a necessária para a execução da diretiva.

**“The Anarchists never have claimed that liberty will bring perfection; they simply say that its results are vastly preferable to those that follow authority.”**

## A MEU VER

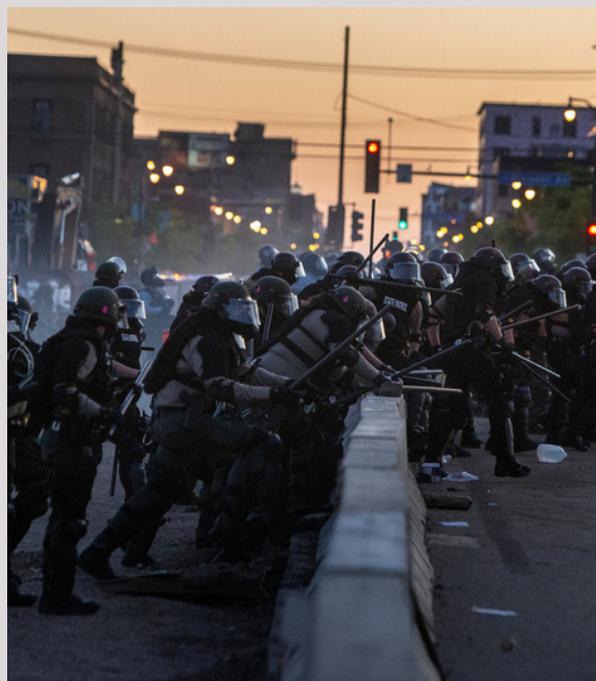
Todo o Estado tem um corpo policial, seja ele voluntário ou não. Nas nossas democracias ocidentais: i) qualquer agente policial concordou, como parte do seu trabalho, em fazer cumprir leis; todas elas. ii) Muitas leis são manifestamente injustas, ou mesmo cruéis e maldosas, como a proibição do consumo de alimentos na rua, ou dentro do próprio carro, proibição de sentar num banco de jardim, ou até mesmo a proibição de circulação entre concelhos. iii) Como tal, qualquer polícia concordou em fazer cumprir leis que são manifestamente injustas, ou mesmo cruéis e maldosas. Assim sendo, não há polícias bons

As ordens não partem só ao de cima, também vêm de nós. Quando o barulho do vizinho te incomoda e apelas à polícia para resolver a situação, estás a instrumentalizar a tua conveniência através da ameaça do uso da força por parte de terceiros.

Separámos a confrontação de problemas de nós e entregámo-la a outros, que sujam as mãos (e botas) por nós. O mesmo acontece em situações contrárias, quando por exemplo te recusas a ajudar alguém e resumes-te a ator-passivo à espera dos socorristas, porque entregaste o teu civismo a outrem. Então o que és tu?

***“The violence of the law is worse than the violence it supposedly prevents”***

“Estou apenas a cumprir ordens” - disse o perpetrador dos mais cruéis crimes contra a Humanidade. Não houve, não há e não haverá nenhuma atrocidade que um polícia não cometerá ao abrigo da Lei, porque juraram fazê-la cumprir. Aquele que hoje te multa ou prende por consumo de substâncias “ilícitas” é o mesmo que, nas circunstâncias certas, te matará, se for preciso. Quantos não “apanharam” pela sua saúde? Ou pela sua segurança?



The New York Times

## A MEU VER

É por esta e muitas outras razões que devemos proceder à abolição da institucionalização da violência. Polícia Bom é Polícia Morto precisamente porque a violência tem que padecer.

E aqui a morte não é literal, não apelo à morte de seres humanos, mas queime-se a farda, o bastão, o distintivo; abaixo os edifícios da polícia e as prisões, que não são centros de correção de comportamento, mas de perpetuação da violência cíclica entre paredes fechadas; mate-se o polícia mas não a pessoa que o veste, porque um polícia é um humano vestido de poder violento incontestado.

Proceda-se à descentralização do poder, contrariamente à entrega “voluntária” do mesmo às mãos dos poucos, porque minorias armadas são mais difíceis de oprimir (e não há menor minoria que o indivíduo).

Platão dizia que não tememos a injustiça, apenas sofrer com ela. Estaline, Mao e Hitler não mataram milhões de pessoas. Os seus trabalhadores do setor público sim, e em regimes totalitários, toda a vida social, económica e política pertence ao setor público. Gostamos de colocar o ónus da responsabilidade apenas nas pessoas do topo de uma atrocidade, mas nada teria sido possível sem o apoio de tantos outros abaixo deles. A tirania sustenta-se nos ombros dos temíveis e dos obedientes.

Uma mudança radical deve suceder para, não digo acabar, mas reduzir drasticamente as injustiças cometidas por este sistema.

Uma mudança total do paradigma é necessária para a resolução deste problema, e deve ser atacado em todas as frentes: seja pela base que a sustenta, seja pela cúpula debaixo da qual se abriga.

Não digo que numa comunidade humana que tenha abolido as instituições que perpetuam ciclos de violência não haja outros mecanismos e/ou instituições que tratem dos assuntos da “justiça”, mas isso é assunto para outro artigo.

Já fui apoiante incontestado das forças policiais, da sua impunidade em matar em serviço, do lema “Blue Lives Matter”. Fartei-me de lamber botas, até que o sangue que pingava da sola começou a ficar amargo. E por isso, apelo ao civismo.



# Vladimir Putin e Amigos: Regime de Compadrio

POR TIAGO COELHO, TOMÁS PIRES

## Tomás Pires:

No dia 24 de Fevereiro de 2022, pelas 5 da manhã (hora local), iniciou-se a ofensiva russa à Ucrânia, soaram os alarmes nas várias cidades ucranianas e a guerra voltou à Europa após mais de 20 anos de relativa paz.

A 10 de fevereiro de 2022 e nas semanas seguintes, a Rússia e a Bielorrússia empregariam mais de 100000 soldados ao longo das suas fronteiras no que diriam ser “exercícios militares”. Porém, nada mais eram do que preparações para uma invasão da Ucrânia.



## A MEU VER

Os vários serviços secretos ocidentais, bem como o presidente americano, Joe Biden, anunciavam ao mundo que a Rússia se preparava para invadir a Ucrânia; vários líderes mundiais entravam em contacto com Vladimir Putin, tentando usar a via diplomática, destacando-se Emmanuel Macron, que se dirigiu a Moscovo procurando entendimentos e a paz, bem como, aumentar a reputação e o papel mundial da França; Vladimir Putin mentia, insaciavelmente, dizendo que não passava de exercícios militares, e a opinião pública, pelo menos a portuguesa, pouco acreditava, que em pleno século XXI na Europa, uma invasão poderia ocorrer.

A nível de perdas militares, as fontes variam o seu número (muito devido a interesses de propaganda, tanto da Rússia como da Ucrânia), com o governo ucraniano, indicando que 1300 militares ucranianos morreram, já para o lado russo, os ucranianos indicam que os números rondam os 12000 militares, enquanto o governo russo fala em 500 militares mortos.

Vladimir Putin, apesar de ser um autocrata sem qualquer preocupação pelo bem-estar da sua população, preocupando-se apenas pelo poder, revelou-se, se já não dita revelado, um brilhante estrategista, fazendo jus aos seus anos no KGB e como diretor do FSB. Demarco 4 exemplos de tal brilhantismo, em primeiro lugar, hoje sabemos, que a invasão da Crimeia, além de um aviso à Ucrânia e ao Ocidente e uma extensão territorial, permitiu “apalpar” qual seria a reação ocidental a um futuro conflito; em segundo lugar, o momento em que Vladimir Putin escolheu para invadir a Ucrânia, momento chave, após anos de pandemia e crise económica na Europa; em terceiro lugar, esperou reforçar suas ligações com o regime chinês, pouco antes do início do conflito e por fim, as desculpas e mentiras com que alimentou o Mundo nos últimos anos, mas em especial, nas últimas semanas, com “os exercícios militares”. (apesar deste brilhantismo, a guerra não corre como ele deseja ou planeava).

Neste artigo, abordarei a questão “quem é Vladimir Putin e como se opera e organiza o seu regime?” enquanto o meu colega Tiago Coelho abordará os impactos políticos e económicos que a invasão russa terá no regime de Vladimir Putin.

### Quem é Vladimir Putin?

Vladimir Vladimirovich Putin nasceu a 7 de outubro de 1952 em São Petersburgo na ex-URSS, atualmente Rússia. Estudou Direito na Faculdade de São Petersburgo entre 1970-1975, onde ingressou no Partido Comunista, entrando no KGB, Comité de Segurança Nacional, em 1975, com apenas 23 anos de idade.

Nos 15 anos seguintes, até 1990, o atual líder russo trabalharia como oficial de inteligência, tendo passado os últimos 5 anos do seu serviço em Dresden, na Alemanha Oriental, chefiando o departamento de Fronteiras, atingindo o papel de tenente-coronel. Em 1990, volta a Rússia, tornando-se Professor Assistente na área de Relações Internacionais na mesma faculdade onde estudou, tendo ainda servido como assessor do Presidente de São Petersburgo. Em 1996, muda-se para Moscovo, juntando-se ao staff presidencial, onde iria subir na hierarquia rapidamente, tornando-se, em 1998, por ordem de Boris Yeltsin, na altura Presidente da Rússia, Diretor do FSB, Serviço de Segurança Federal, e em 1999, foi eleito primeiro-ministro.

Em 2000, Vladimir Putin torna-se Presidente da Rússia com 53% dos votos, iniciando um longo caminho de reforma institucional e política, onde empregaria um jogo político de enorme magnitude, com o objetivo de diminuir o poder tanto dos Oligarcas, principalmente das áreas das finanças e dos media, usando para isto uma série de processos-crime, bem como dos Governadores das várias regiões russas, os quais retiraria da câmara alta da Assembleia Russa.

## A MEU VER

Em 2004, Putin foi reeleito com 71% dos votos, com o seu Partido, Rússia Unida, tendo a maioria dos lugares da Assembleia. Esta votação seria controversa e seus resultados questionados por várias entidades políticas.

Em 2008, devido à impossibilidade constitucional de governar durante três mandatos presidenciais consecutivos, Dmitry Medvedev tornou-se Presidente, nomeando Putin para o cargo de primeiro-ministro, o qual iria ocupar até 2012, no mesmo ano e com o apoio de Medvedev, Putin vence as eleições presidenciais com 63% dos votos, tornando-se, pela terceira vez, Presidente da Rússia. Em 2018, Putin vence de novo as eleições presidenciais, tendo em 2020 assinado uma lei que lhe permitirá permanecer no cargo de Presidente sem interrupções até 2036.

### Como Opera e se Organiza o Regime de Vladimir Putin?

Apesar de no papel existirem seis partidos na Assembleia Russa, com o Rússia Unida, partido de Putin, sendo o dominante, a “Democracia Russa” não passa de uma farsa construída por Putin e seus amigos.

Atualmente, a Rússia constrói-se sob a forma dum ideologia que alguns analistas chamam de Putinismo, uma forma de Oligarquia Autocrática, onde Putin se senta no topo, e em seguida, na hierarquia, os seus amigos, fortes Oligarcas, de várias áreas, desde a banca, a clubes desportivos, à indústria energética e de combustíveis, os media até a empresas militares privadas, como o Grupo Wagner.

Como, anteriormente indiquei, o líder Russo, no início do século XXI, empregou uma campanha de perseguição e tomada de poder a vários oligarcas russos, porém, esta campanha focou-se na perseguição de oligarcas que desafiaram ou descontentaram o Kremlin, permitindo Putin criar um círculo de Oligarcas fiéis à sua figura e ao Governo Russo.

Em termos económicos, a Federação Russa é assente num sistema económico que muito chamam de “Crony-Capitalism”, um sistema económico onde os negócios têm sucesso, não na base do empreendedorismo, mas de relações entre empresários e políticos. A Rússia surge em primeiro lugar do “Crony-Capitalism index” desenvolvido pela revista britânica “The Economist”.

Estes contactos, permitiram Vladimir Putin construir um sistema que facilitou, e em muito, o controlo da sociedade russa, permitindo o controlo da grande parte dos media, levando a uma propaganda massiva, bem como facilitam a atuação do Kremlin no estrangeiro, permitindo o uso da indústria energética, em especial o gás natural, como moeda de troca com o ocidente, ou ainda o uso de mercenários do Grupo Wagner em vários cenários de guerra como bode expiatório do governo russo.

O Grupo Wegner, pertencente a Yevgeny Prigozhin, oligarca próximo de Putin, sendo liderado por Dmitriy Valeryevich Utkin. Este Grupo de Mercenários, que emprega cerca de 6000 militares, não é reconhecido oficialmente pelo governo russo, porém funciona como o exército privado de Putin, permitindo este agir fora dos radares e das leis da convenção de Genebra. Este grupo militar privado atua a nível mundial, tendo atuado na invasão da Crimeia em 2014, na República Centro Africana, ou ainda, atualmente, na invasão da Ucrânia, com várias fontes indicando que seu objetivo é assassinar Volodymyr Zelensky, o presidente ucraniano.

O Regime Russo, em nada é democrático, continuando apenas a querer passar a falsa imagem de Democracia, como indiciado por Anne Applebaum, da London School of Economics, para não ser visto como um regime de partido único. Porém, como esta analista indica, a grande maioria dos partidos russos e seus candidatos são controlados e escolhidos por Putin.

## A MEU VER

Não quer isto dizer, que o Kremlin não possibilite a existência de uma oposição verdadeira, existe, porém, apenas quando Putin não os vê como uma ameaça, com os seus apoiantes sendo constantemente perseguidos e espancados.

É de lembrar envenenamento e prisão de Alexei Navalny em 2020, sendo que, por estranhas coincidências o médico chefe do Hospital onde Navalny foi tratado acabou por desaparecer ou o assassinato, perto do Kremlin, de Boris Nemtsov, político a qual, chegou para ser o sucessor de Boris Yeltsin, em vez de Vladimir Putin. Vários outros políticos e diplomatas russos têm vindo a morrer por causas misteriosas nos últimos anos, sendo que em 2017, segundo o Diário de Notícias, num espaço de 60 dias, 5 diplomatas de altos cargos russos morreram por estas circunstâncias.

Ainda dentro do tema de assassinatos de autoria do Governo Russo, é de recordar Alexandrer Litvinenko, ex-espião russo, que exporia várias ações do Kremlin, inclusive os atentados a vários apartamentos russos em 3 cidades diferentes em 1999, os quais Alexandrer Litvinenko conectaria ao FSB, permitindo o governo de Vladimir Putin sustentar uma nova guerra na Chechénia, e que seria envenenado por polónio-210 em 2006 pelo governo russo em Inglaterra.

Na área dos media, Putin, apesar de controlar, juntamente com os seus amigos, muitos destes meios, deixa ainda espaço para a existência de pequenos jornais independentes, onde os jornalistas são muitas vezes perseguidos, sem falar que até podem ser mortos, e seus escritórios vandalizados ou alvo de visita habitual pelas autoridades russas. Os repórteres sem fronteiras 2021 classificaram a Rússia no lugar 150º (de 180º) no ranking de liberdade de imprensa. É importante recordar Anna Politkovskaya, a famosa jornalista crítica de Vladimir Putin, assassinada em 2006 pelo Kremlin.

O Comité de Proteção de Jornalistas indica que desde 1992, 58 jornalistas foram mortos na Rússia, 39 assassinatos dos quais estão ligados ao governo russo.

O Kremlin utiliza ainda meios de comunicação, nomeadamente o Canal RT, e a agência de notícias Sputnik, como meios de propaganda no Estrangeiro, com estas agências tendo sido bloqueadas e retiradas do ar e das redes sociais em muitos países ocidentais após a invasão da Ucrânia de 2022.

Atualmente, podemos verificar como o Kremlin tem atuado em toda a sua expressão na prisão de dissidentes e opositores, chegando ao ponto de prender crianças que se manifestavam contra a invasão da Ucrânia. A OVD-INFO, media independente russa de luta pelos direitos humanos, identifica que de dia 24 de Fevereiro até 15 de Março foram presas 14 mil pessoas por manifestações anti-guerra na Rússia.

Em suma, o regime de Vladimir Putin é uma Autocracia Pura e Dura tentando-se disfarçar de Democracia, com um sistema económico baseado no compadrio entre os bilionários e os políticos, sem olhar a meios para atingir os fins, com Putin continuando a praticar o que aprendeu nos seus anos enquanto agente do KGB, perseguindo e matando aqueles que se manifestam pela Liberdade e Democracia.

Recomendo ainda alguns livros e documentários para quem queira saber mais sobre Vladimir Putin, como por exemplo: "The New Tsar" de Steven Lee Meyers; "Putin's Russia: Life in a falling Democracy" de Anna Politkovskaya (a famosa jornalista assassinada) e o documentário "Dvoretz dlya Putina. Istoriya samoy bolshoy vzyatki" ou "um Palácio para Putin: a história do maior suborno" de Alexei Navalny.

## A MEU VER

### Tiago Coelho:

Putin leu mal a História, mas...

O Presidente russo não só falhou as leituras da história da Europa, a sua maior rival, como também fez uma análise incompleta, sobre o que seria da economia russa assim que as tropas pisassem o solo ucraniano. Ambas deixam a Rússia em maus lençóis, e sem um caminho firme no chão duro e complexo que é a política internacional.

Um suposto estratega genial culminou e arrastou a sua política externa para um novo muro entre a Rússia e o ocidente, agora a ocorrer num século distinto no mesmo continente que quis e quer terminar um ciclo de guerra e belicismo instrumental político. A menos que estejamos todos a ver mal, e Putin supervise um caminho histórico oportunista do que se poderá passar no Pacífico daqui a uns anos. Vladimir Putin falhou, e estrondosamente.

A participação de uma guerra por parte de um bloco europeu nos dias de hoje, só advirá caso alguém tome uma decisão ilógica como a que assistimos. Quando uma superpotência escolhe fazer guerra, num continente que transborda histórias de guerra, certamente, o passo estratégico foi mal dado. Sem sequer contar com a transformação da Alemanha pacífica, para uma Alemanha, agora, prudentemente defensiva, foram, não um, não dois, nem exclusivamente três países obrigados a repensar a sua neutralidade. Todos os que não estão sob alçada russa, alinharam-se firmemente com vários inquéritos de adesão à UE e à NATO.

A internacionalização do conflito no seu todo é algo pesado para a Rússia. É sobretudo a nível económico e financeiro que se tem assistido à tensão que se desencadeou com a Rússia após a invasão. Sejam os bancos, as posses pessoais dos agentes russos.

Contudo, pelas chamadas telefónicas e reuniões que se seguiram ao primeiro dia de invasão, entre Putin e homólogos de Estados que são muito relevantes para uma continuação existencial da Rússia na política internacional, confirmaram-se algumas das primeiras intenções que Putin tinham determinado, antes do episódio prosseguir com as posições assumidas de cada país.

O presidente russo, talvez não se importe com esse novo desenho de uma cortina de madeira, que agora o separa do ocidente, desde que reforce as relações diplomáticas com aliados-chave, especialmente potências emergentes e dominantes em certas regiões, igualmente importantes para os EUA. Primeiro, podemos olhar para o caso do Brasil, que, dependente de fertilizantes e outros produtos no mercado russo, esteve mais perto de não votar a favor com os EUA, os aliados e a restante maioria na Assembleia Geral.



The New York Times

## A MEU VER

Como segundo exemplo a Índia, e talvez este seja o mais preocupante neste momento para o Ocidente, particularmente se tivermos em conta de que países falamos, uma das maiores democracias do mundo, absteve-se nos quatro votos realizados na ONU por motivos estritos históricos – apresentando boas relações (recentes) com a Rússia – e estratégicos, nomeadamente o armamento.



The New York Times

Cerca de quase 80 a 90 por cento das armas das forças indianas são russas, e a dependência subsequente é real. A chamada de traição da África do Sul aos direitos humanos e à democracia liberal irradia e preocupa. O aviso ao Ocidente e a sua liderança ficou aqui dado à fragilidade das democracias grandes e regionalmente domadoras do poder que as circunda.

Quanto ao resto, do que sabemos, quais são as potências aliadas da Rússia nesta crise?

A potência emergente militar do Irão no Médio Oriente, que se mantém numa triangulação com a China, embora por agora limitada a exercícios militares no Índico, descansa sob pretextos óbvios ideológicos que vão contra a presença americana na região. Faz uma semana que 12 mísseis foram lançados do Irão, perto do novo complexo do consulado americano no Iraque. Seguidamente, surgiram os óbvios Estados sob a esfera de influência russa, o Cazaquistão por exemplo, que não falharam a abster-se ou votar contra, evidentemente a Coreia do Norte definiu-se pela mesma saída, e outros Estados de África e da Ásia que seguiram contra a maré de votos a favor.

Em vista, está um mundo globalizado ferido, por aparentar união que na verdade pode ser insuficiente. Apesar da má leitura histórica de Putin sobre a Europa, o resto do mundo, especialmente entre os países poderosos da Ásia, desconhece por experiência recente, com os meios militares avançados que hoje em dia existem, o que é um confronto entre potências dominantes. E isso pode ser perigoso para um futuro mais dividido por polos de poder, do que aberto, unipolar e livre ao exterior.

Caso fosse esse o objectivo de Putin, para avançar noutras direcções e ser o próprio a tomar o primeiro passo, então só nos espera muita diplomacia e xadrez para jogar entre os cantos do mundo.



# (Cria)tividade

(Cria)tividade

# A MALDIÇÃO DOS OLHOS

POR CRISTIAN BANCU

Num vale esquecido por Deus se instalara uma comunidade de mulheres, fugitivas dos impérios dos homens.

E não foi por acaso que foi num vale, foi tudo estrategicamente pensado. É que as mulheres, apesar de privadas de educação, não foram privadas de inteligência. Com maridos guerreiros que tinham, uma coisa aprendiam decerto das poucas conversas que escutavam atrás das portas fechadas. Era que o homem nunca abandonava a vantagem da terra alta.

E sabiam outra coisa, ainda mais importante: se o homem sobe os mais altos picos montanhosos para estar mais próximo dos seus deuses, também o fará para estar perto da sua mulher. Afinal, as únicas entidades perante as quais o homem alguma vez se ajoelhara fora Deus, a mulher e aquele que o derrotara na guerra, sendo que os três enfardam a simbologia da morte.

Google Arts & Culture

## (Cria)tividade

As mulheres, o sexo belo por Natureza, não fizeram mais do seu vale do que espelhar nele aquilo que nelas foi vertido.

Toda a comunidade estava repleta de bordados de cores vivas, de curvas harmoniosas que lembravam a fluidez melódica da vida livre, contrariamente às linhas retas da arquitetura masculina, simbólica da ordem harmónica.

A mulher é caótica porque assim nasceu. Aliás, os gregos designavam de "khaos" o abismo, que ao fim ao cabo é um vale. A bela cidade estava embalsamada de melodias de flautas, quando descobriram que soprar não servia apenas para arrefecer o caldo; de notas de lira, quando deram por si que os dedos eram úteis para além do tecer; de cânticos belos, quando abriram o vocabulário a mais do que apenas "sim, senhor", "não, senhor".

Contudo, surge um único problema que era o da preservação da cidade, para a qual, na infelicidade das mulheres, a Natureza decidiu que eram necessários homens. Mas como fazer para que homens não corrompam a beleza da cidade e que sirvam apenas para reproduzi-la? E onde arranjar esses homens? É que do vale não há saída, ou por ser demasiado íngreme para trepar, ou porque quem o abandona vira as costas àquilo que é belo, e tal ultraje fere qualquer convenção do Matriarcado.

## (Cria)tividade

As mulheres pensaram usar o que tinham à disposição para atrair os homens àquilo que viria a ser apenas a escravatura do falo, isto é, os seus corpos e as suas músicas. Tal como as musas, de facto, só que não era para uma ilha no meio dos mares, mas era um vale no meio dos mundos. Os homens tombavam na cidade como os cordeiros em cima da mesa no dia de Páscoa, só que alegres. Era talvez a única vez que o homem procurava o paraíso olhando para baixo. Em reinos distantes, os contos da tal cidade no submundo fizeram homens cavarem buracos nos seus próprios quintais a ver se encontravam tais belezas.

Claro, a rainha era perspicaz e declarou que o número de homens não poderia ultrapassar o número de mulheres, limitando-os a um terço da população, coletivizando-lhes as sementes para várias mulheres quando necessário. E uma mulher estava impossibilitada de engravidar mais depois de ter uma rapariga. Já bastava de chorar por homens.

Acontece que a rainha engravidou de uma menina, como já o trigo o tinha previsto. Mas Deus, furioso com a alteração da hierarquia natural das coisas, castigou a rainha dando-lhe uma filha cega. Typhlosis foi o nome que herdara, que representava a sua condição de cegueira.

Quando a rainha adoece e a princesa sobe ao trono, depois de anos privada daquilo que era o pilar da cidade, a Beleza, busca vingança sobre aqueles que com nada contribuíram para o seu infortúnio e declara que se retire os olhos a todos os habitantes do vale.

## (Cria)tividade

Subverte os valores da cidade, clamando que os conceitos de belo e feio são as origens do mal no mundo, conceitos que causam divisão e opressão, conceitos limítrofes da liberdade humana.

Mais outorga que as mulheres são obrigadas a parir em quartos totalmente escuros, para que os recém-nascidos nasçam sem ver nada mais do que aquilo que a rainha vira toda a sua vida e permanecerem vendados até atingirem a idade suficiente para sobreviverem à retirada pouco cirúrgica dos olhos. Os cânticos são proibidos porque não se quer a entrada de videntes para o vale. A cidade degrada-se porque preservar o belo já não é prioridade. Aliás, o belo já não existe.

E assim atravessa a tradição no tempo durante três gerações. Três gerações nas quais as alterações na cidade não se viam, pelo menos entre os cidadãos, mas os homens de cima viram transformar-se aquilo que era o Jardim de Éden na Terra em algo mais parecido com um poço de lama depois de um dia chuvoso. As cores morreram todas, a música pereceu em zumbidos moribundos. O vale padecia de vida. Mas a vida continuava segundo mandava a tradição.

## (Cria)tividade

O pretendente a engravidar a rainha era um jovem de dezassete anos, de cabelo louro como a cevada, cuja cor dos olhos não vos sei dizer.

A cerimónia de contratação é interrompida pela entrada inesperada da irmã mais jovem da coroa, que solta algumas palavras dispersas pelo salão. Ora, o tom dócil e caloroso, o sabor doce das palavras, o som dos passos de donzela no granito da corte, soavam a paixão para o jovem que se aproxima dela e começa a tocar-lhe as mãos, sente-lhe os dedos um por um, lhe sobe pelos braços macios acima, aprecia os seus ombros fracos e o seu pescoço fino e passa as mãos pela sua cara. Sussurra-lhe "uau, tão bela".

E a neta de Typhlosis manda cortar-lhe as mãos.

# 25 DE FEVEREIRO DE 2022 E O FUTURO DE UM QUASE-LICENCIADO

POR ANTÓNIO CEBOLA

É dia 25 de fevereiro de 2022.

Estou a quatro meses de terminar a licenciatura em Ciência Política e Relações Internacionais. Naturalmente, estou a viver uma fase da minha vida que levanta inúmeras inquietações e perguntas, as quais dificilmente alguém me consegue responder. Mais, preparo-me para, lentamente, liberta-me da proteção dos meus pais. Portanto, sentimentos de insegurança e medo não são, a meu ver, elementos estranhos.

O que é, de facto, estranho é a situação que vivemos hoje. Os últimos dois anos têm sido, no mínimo, confusos, o que intensifica esses sentimentos que referi anteriormente, ao mesmo tempo que me fazem, assim como acredito que devem fazer a outros, refletir bastante acerca da nossa condição. Primeiro, uma pandemia que nos fez repensar a forma como agimos e o quão frágeis somos, apesar de todo o nosso avanço tecnológico e "civilizacional"; segundo, uma ameaça de uma guerra que, afirmam os entendidos, tem a capacidade de alterar a realidade como a conhecemos.

Este não é, de todo, um cenário promissor para quem começa a pensar na sua emancipação. Por um lado, e embora, esperemos nós, os males para a saúde pública já tenham sido, em grande parte, ultrapassados, lidamos com um período económico complexo e instável em que, por exemplo, o preço das casas ou o custo médio de vida aumentou.

## (Cria)tividade

Por outro lado, as tensões internacionais, que se transformaram no dia de ontem na efetiva invasão militar à Ucrânia por parte da Rússia, colocam em causa a ordem liberal em que todos nós temos vivido, desde a queda do Muro de Berlim, em 1989. Sobretudo, para nós, europeus, liberdade, paz, cooperação, tolerância e diálogo foram, até agora, considerados dados adquiridos, sendo os fantasmas das guerras coisas distantes em que, cremos nós, não se repetiriam.

Do ponto de vista de um aluno da minha área, este momento, assustador e descabido, é extremamente aliciante e, sem dúvida, histórico pois parece que estamos a voltar anos atrás e a ver, em primeira mão, acontecimentos com contornos semelhantes a outros do passado. Embora esse passado não seja assim tão longínquo, é o suficiente para fazer com que sejam poucos os que se recordam de como as coisas eram antes. Por isso, mais questões surgem na minha cabeça.

Todo o dia de ontem foi confuso e intenso! Bombardeado com notificações de diversas agências de informação à volta do globo, só hoje consigo começar a contemplar o que se está a passar e um aspeto que, para mim, é notório e completamente novo — talvez sobressaia mais por ser um amante do tópico — prende-se com a mediatização dos eventos. Desde de ontem que qualquer rede social é uma arena de debate e divulgação do que está a acontecer na Ucrânia em que a opinião é partilhada ao minuto, quer seja essa fundamentada ou não; por sua vez, os canais (a fazerem o seu trabalho) transmitem informação e comentam toda e qualquer movimentação que suceda, explorando o assunto ao seu máximo.

## (Cria)tividade

Sabemos bem que, infelizmente, este não é o primeiro conflito que decorre na era digital; caso o considerássemos como tal, estaríamos a ignorar o que se passa em África ou no Médio Oriente, por exemplo. Todavia, este é o primeiro com capacidade de alterar o status quo internacional e isso, sim, assusta ou, pelo menos, assusta-me. Sinto-me assim porque creio que, não só como europeus mas como ocidentais, no geral, não estamos preparados para uma guerra nem para qualquer tipo de distúrbio do nosso conforto e estabilidade. Por isso, tenho-me perguntado inúmeras vezes nas últimas 24 horas: o que vai acontecer?

Bem, ninguém tem a resposta para isso nem mesmo o presidente russo; no máximo, o que Putin tem é um plano mas, como Tucídides ilustra tantas vezes na História da Guerra do Peloponeso, no momento em que se vai para o campo de batalha, os líderes deixam de ter o controlo sobre a situação. Assim, a única coisa que temos a fazer é esperar e observar, percebendo que vivemos um momento histórico. Pessoalmente, creio que também seja importante manter a esperança que tudo se vai resolver sem um conflito maior mas sem cair na ingenuidade. Em relação às respostas a questões mais pessoais que possamos ter, temos de agir da mesma forma: com esperança e com paciência, acreditando que o trabalho e o esforço pode compensar a curto, médio e, até mesmo, longo prazo.

Honestamente, não sei o que vou fazer com este texto: pode ficar guardado apenas para mim, pode ser partilhado com os amigos mais próximos ou pode ser publicado. Mas o que tiro dele e espero que os que, eventualmente, o possa ler tirem também é que é normal estar ou sentirmo-nos perdidos e, como Lana del Rey canta, citando outros, "Not all those who wander are lost/it's just wanderlust". Vamos ver o que nos aguarda...

(Cria)tividade



# UMA VIAGEM AO FIM DO MUNDO

POR BEATRIZ LOURENÇO PEREIRA

## (Cria)tividade



## (Cria)tividade



# (Cria)tividade



# NÚC LEO MUSI CAL

NÚC  
LEO  
MUSI  
CAL



## **“All That You Can’t Leave Behind”, U2**

POR BRUNO MIRANDA LENCASTRE

Quando decidi que ia rever um álbum dos U2 para esta secção, a única coisa que restava saber era qual. Isto devido, provavelmente, ao inacreditável percurso deste lendário grupo irlandês, percurso esse que inclui 14 álbuns de estúdio - e algumas obras-primas pelo meio -, inúmeros hits e tours globais, milhões de fãs por todo o mundo, e demasiados prémios e reconhecimentos para contar ao longo de mais de 40 anos de existência.

Da inconfundível voz de Bono, aos espetaculares solos de guitarra de The Edge, à bateria de Larry e ao baixo de Adam, a música dos U2 tornou-se imediatamente singular desde os primeiros anos do grupo.

# NÚC LEO MUSI CAL

De álbuns revolucionários e universalmente aclamados como “The Joshua Tree” e “Achtung Baby”, a outros igualmente sensacionais como “War” e “The Unforgettable Fire”, a sucessos mais recentes, o grupo tornou-se a voz de uma geração e tem marcado profundamente o rock desde a sua formação em 1976, deixando um notável legado (musical e não só) que permanece intocável até hoje.

No entanto, para mim, a música dos U2 é ainda mais do que tudo isto - de alguma maneira, é a banda sonora da minha vida.

Lembro-me de ser pequeno e de cantar “One” em dueto com a minha irmã no banco de trás do carro da minha mãe (e, na verdade, a discografia completa do grupo, que ouvíamos “on repeat” para passar o tempo em viagens longas), de ir para a escola ao som de “Beautiful Day” e de ainda hoje pôr “I Still Haven’t Found What I’m Looking For” sempre que preciso de sair da minha cabeça por uns minutos. Como com a melhor música, as minhas memórias vivem nestas canções e elas têm estado desde sempre comigo, pelo que falarei deste álbum como falaria de um amigo antigo.

Contudo, não haverá talvez “álbum mais U2 dos U2” (como li algures quando me preparava para o rever) do que “All That You Can’t Leave Behind”, um poderoso hino a tudo o que o grupo é e canta: amor, dor, e o que significa viver.



The Times



# NÚC LEO MUSI CAL

O álbum em si está repleto de hinos sobre a experiência humana. Lançado em 2000, “All That You Can’t Leave Behind” foi o estrondoso “comeback” do grupo depois de uma fase mais turbulenta, assim como um regresso à sua identidade e raízes musicais. O álbum não só foi um gigante sucesso comercial como ganhou aclamação universal graças à sua brutal sinceridade e emoção – como é habitual dos U2 – que, harmonizadas com a sabedoria e a vivência que os membros do grupo tinham entretanto adquirido, resultaram numa melodia para todos os tempos e para todas as gerações.

Todo o álbum equilibra perfeitamente tudo o que torna o grupo tão distinto. Em “Beautiful Day”, a inesquecível canção de abertura do álbum, os U2 explodem no melhor dos sentidos, parecendo mesmo que todo o percurso do grupo os levou a este momento e a uma canção que engloba tudo o que advogam através da sua música: a pressa de viver e a urgência de tirar o melhor de cada dia apesar das circunstâncias. Acima de tudo, com “Beautiful Day”, o grupo cria um hino à esperança, lembrando-nos que a vida merece ser vivida como a coisa extraordinária que é (“Touch me / Take me to that other place / Teach me / I know I’m not a hopeless case”).

Estes temas de reflexão e superação continuam em “Stuck In A Moment You Can’t Get Out Of” (a minha favorita pessoal).

Neste tema, o grupo diz-nos que a esperança não é algo que se encontra, mas que se constrói, com Bono a cantar “I’m just trying to find / A decent melody / A song that I can sing / In my own company”. Esta canção é talvez o melhor exemplo da riqueza e genialidade deste álbum, quer em termos musicais como da sua mensagem, dizendo-nos uma verdade que conhecemos bem: que o mundo está em permanente mudança e que o segredo é seguir em frente e viver a vida um momento de cada vez (“It’s just a moment / This time will pass”).

A seguir, em “Elevation”, o grupo solta um grito (muito literalmente no caso de Bono) de euforia e paixão, injetando o álbum com uma muito necessária energia e elevando-nos a alma no processo com um mais um hino à alegria de (verdadeiramente) viver. A grandeza de “Elevation” é complementada, por outro lado, pelo delicioso espírito de “Wild Honey” e, principalmente, pela ternura de outra das canções de destaque, “In A Little While”, a âncora emocional do álbum e um inconfundível hino ao amor e a todos aqueles que dão significado às nossas vidas.

Com “Kite” e “The Ground Beneath Her Feet”, por sua vez, o grupo dá-nos canções sobre crescimento – por vezes doloroso, por vezes revelador, mas sempre necessário –, temas que visita de novo em “Grace”. Cada uma destas canções tem a qualidade agridoce típica dos U2 e que está presente por todo o álbum, mas que nunca é mais evidente do que em “Walk On”.

# NÚC LEO MUSI CAL

Não só um triunfo musical, “Walk On” teve um raro - e duradouro - impacto cultural e social impossível de prever após os ataques de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Até então uma canção sobre largar o passado e olhar para o futuro, “Walk On” ganhou uma nova dimensão a partir daí, tornando-se o hino de uma nação em profundo choque e luto e que se via forçada a seguir em frente (“What you got they can’t steal it / No, they can’t even feel it / Walk on, walk on / Stay safe tonight”).

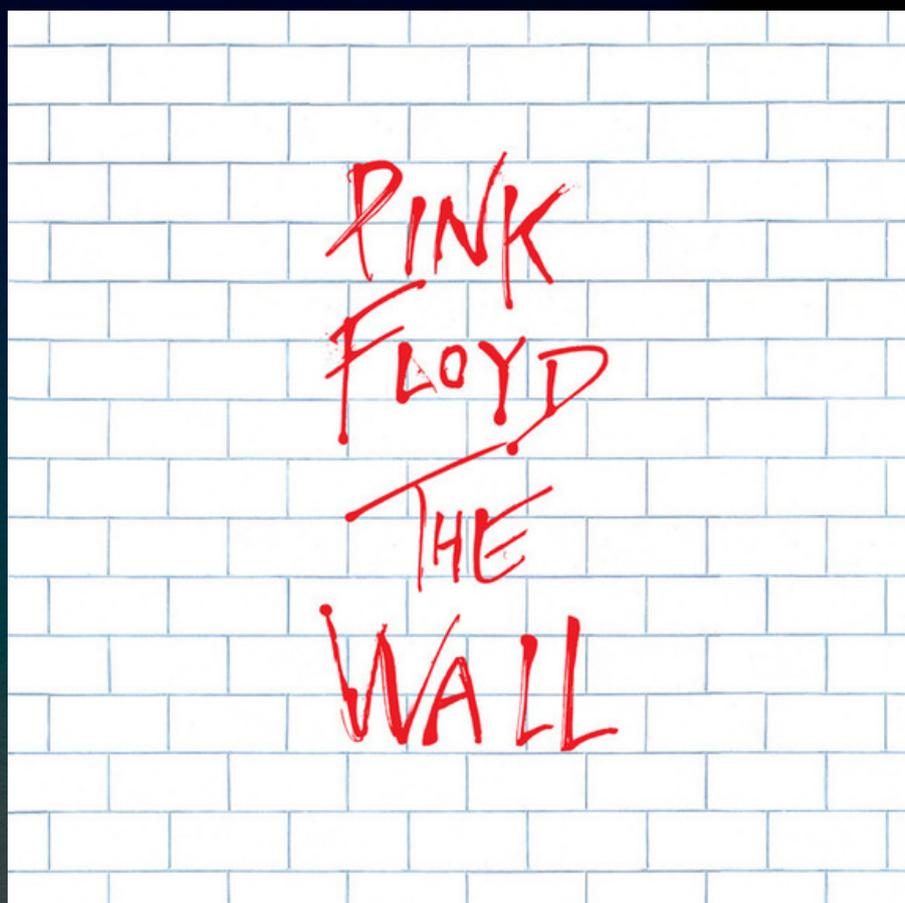
A universalidade destas palavras e a honestidade da canção mereceram-lhe um lugar entre os temas mais aclamados dos U2, refletindo de muitas maneiras o próprio impacto social do grupo que, para além da sua música, se tem tornado conhecido pelo seu extenso trabalho humanitário e envolvimento em inúmeras causas e movimentos de justiça social ao longo das décadas.

Esta preocupação com o estado do mundo por parte do grupo é novamente evidente em temas como “Peace On Earth” e “When I Look At The World”, que desviam o foco do álbum do mundo interior para o mundo exterior e, sobretudo, para a relação entre ambos. Em “New York”, perto do fim do álbum, Bono canta precisamente sobre esta relação entre as suas viagens internas e as suas viagens externas, cantando sobre a “Big Apple” como um refúgio para todos os que, como si, desejam encontrar-se a si mesmos e ter liberdade para viver autenticamente.

De facto, apesar de ter sido lançado há mais de vinte anos, a mensagem fundamental de “All That You Can’t Leave Behind” mantém-se tão relevante hoje como no início do século.

Num mundo cada vez mais dividido e mais incerto do que nunca, o álbum relembra-nos de olharmos para dentro de nós mesmos antes de olharmos para os outros e de nos focarmos no que é realmente importante na vida, provando-nos ao mesmo tempo que as suas canções - assim como tudo do que falam - são coisas que, efetivamente, não conseguimos deixar para trás.

NÚC  
LEO  
MUSI  
CAL



## “The Wall”, Pink Floyd

POR MARIA SALOMÉ CURTO

Penso que a grande maioria das pessoas já ouviu falar da banda Pink Floyd, podendo ter ouvido alguns dos seus singles na rádio ou conhecendo alguns dos seus trabalhos. No meu caso, soube da banda quando tive o meu primeiro iPod, que estava conectado ao iTunes do meu pai, logo, só tinha direito a ouvir o que era do gosto dos meus pais; o mesmo acontecia no carro durante viagens mais longas.

A verdade é que foi uma banda que sempre gostei, embora só prestasse atenção a alguns singles como “Wish You Were Here” e “Another Brick In The Wall”.

# NÚC LEO MUSI CAL

Foi só mais tarde que percebi que estas músicas estavam inseridas em álbuns brilhantes que contavam histórias muito além daquilo que por mim era conhecido.

Dentro do género rock, os Pink Floyd lançaram o que continua a ser considerado um dos melhores álbuns de sempre, o *The Wall*. Em 1979, a banda apresentou o seu 11º álbum de estúdio que revolucionou por completo o conceito de storytelling através da música com novos elementos e outras formas de exteriorizar as emoções e a memória do compositor. Roger Waters, o baixista da banda, foi quem “deu o corpo ao manifesto” por este álbum ao contar a história da sua vida desde a infância até à adolescência e os problemas com que viveu e se confrontou.

O álbum foi de tal sucesso que, após o seu lançamento, foi feito um filme que concretizou visualmente o projeto musical.

A razão que torna este álbum tão único na indústria da música é a forma que Roger Waters encontrou para contar a história da sua vida, através de uma personagem denominada “Pink”.

O músico, ao invés de fazer um álbum com uma dúzia de músicas como é o habitual, decidiu que o melhor seria contar a história através da letra e do instrumental de modo a exteriorizar as suas emoções e permitir ao ouvinte mergulhar por completo no cérebro do autor, nomeadamente, nas suas memórias e emoções.

Note-se que este instrumental não é o considerado “clássico”, pois, além de contar com os instrumentos a que estamos habituados, Waters adiciona outros sons como aviões, bombas, vozes e, até, bebês, que intensificam a história que nos está a ser contada: desde as suas primeiras memórias da II Guerra Mundial com a partida do pai para a guerra, até à sua juventude adulta marcada por anos de trauma de quem cresceu sem pai e durante crises políticas que marcaram a Europa. É também por isto que considero que este álbum se distingue do resto da discografia de Pink Floyd com outros álbuns habitualmente considerados melhores, como o *The Dark Side Of The Moon*.

Sendo este álbum necessário ouvir do início ao fim para ser compreendido, é difícil falar do mesmo sem destacar algumas das músicas mais importantes, nomeadamente as primeiras. A primeira faixa do álbum abre logo caminho para visualizarmos aquilo que podemos esperar do resto. “*In The Flesh?*” concede-nos um instrumental “monstruoso” que atira os ouvintes para o álbum sem qualquer tipo de preparação.

Após apresentada a infância de Roger Waters, entramos na parte do álbum que eu considero ser a tríade perfeita, que inicia com a “*Another Brick in the Wall, Pt.1*” e conclui na “*Another Brick in the Wall, Pt.2*” com uma transição intensa entre as duas.

# NÚC LEO MUSI CAL

Esta tríade mostra-nos o que foi a infância do autor, desde a ida do pai para a guerra até aos problemas que enfrentou na escola; e é aqui que entra o significado por detrás do álbum.

Foi nesta fase que Waters começou a utilizar estes problemas e traumas como bricks para começar a construir a wall que o separava da realidade envolvente.

Após esta fase inicial, o álbum dá um salto temporal: embora já tivesse realizado o sonho de ser uma rockstar, Pink encontra-se numa altura conturbada que incentivou ao aumento da wall. Quando se encontrava aborrecido e extremamente sozinho durante a tour, Pink descobre acerca da infidelidade da própria mulher e mergulha num episódio de raiva e depressão, resultando num total isolamento sem qualquer tipo de contacto humano. E é aqui que a wall se encontra finalizada.

É a partir da “Hey You” que Pink, isolado do resto do mundo, começa a questionar as suas decisões, entrando numa viagem de desassossego pessoal e mental acompanhado apenas dos seus próprios pensamentos e objetos pessoais, nos quais encontra conforto: “I’ve got a little black book with my poems in, got a bag with a toothbrush and a comb in”.

Esta viagem caracteriza-se por flashbacks à sua infância durante a II Guerra Mundial e com a personagem a tentar reconectar-se com as suas origens na própria cabeça.

# NÚC LEO MUSI CAL

Já na fase final do álbum, entramos num episódio que, honestamente, até ter visto o filme, não conseguia compreender devido à complexidade das letras. Pink, após ter sido encontrado inanimado no quarto de hotel, entra num episódio eufórico causado pela injeção de adrenalina que levou para que pudesse dar o concerto agendado.

Enquanto está a apresentar o mesmo, num estado de completas alucinações, Pink vê-se como um ditador fascista e o concerto é, na sua cabeça, um rally neo-nazi, no qual se vê a atacar minorias e, a partir daí, noutros rallies enquanto caminha para um caminho de total insanidade que só tem fim quando as drogas perdem o seu efeito.

É depois deste episódio de pura loucura que Pink percebe que nada daquilo é normal e o quanto o seu trauma o persegue e afeta. É então que, implorando que tudo pare e que seja normal, demonstra todas as emoções e põe a própria pessoa em julgamento.

A penúltima música do álbum, “The Trial” – a minha preferida –, é um perfeito culminar daquilo que todo o álbum transitou aos ouvintes. Pink colocou-se a si próprio num julgamento pessoal em que o seu cérebro se apresenta como um juiz que decreta como ordem “tear down the wall”, ou seja, que o músico mande abaixo a wall que foi construindo desde muito cedo na infância.

Esta ordem permite a Pink que consiga procurar ajuda e curar todos os traumas e feridas que tem vindo a acumular dentro de si completamente sozinho.

Depois de os ouvintes estarem dentro desta história durante 1 hora e 19 minutos, o álbum acaba de uma maneira bastante pacífica e plena com um coro infantil e Roger Waters a proclamar uma mensagem. Oficialmente, termina com uma frase que, à primeira vista, parece estar cortada, contudo, não está. Ao ouvirmos novamente o projeto, apercebemo-nos de que a frase é completada na primeira música juntamente com a continuação da melodia. Mostra-se, assim, que o mesmo é um loop, isto é, a crise existencial é um ciclo sem fim à vista.

Foi após ouvir este álbum e conseguir perceber a sua complexidade que ficou o meu preferido de todos os álbuns que já ouvi, quer dos Pink Floyd, quer de qualquer outro artista. A forma como Roger Waters conseguiu reunir uma experiência traumática e transformá-la naquilo que, para mim, é uma obra de arte nesta indústria, torna este álbum intemporal e vai para sempre ser marcado como um dos melhores de todos os tempos.

Numa época em que cada vez mais vejo enaltecida música sem qualquer tipo de significado ou mensagem por trás, viro-me para esta banda como uma fonte de conforto. Ao mesmo tempo, encorajo todos a ouvi-la porque, devido aos diferentes e múltiplos discos que foram lançando, há espaço para qualquer um encontrar o seu próprio álbum de conforto.

espaço



cultura

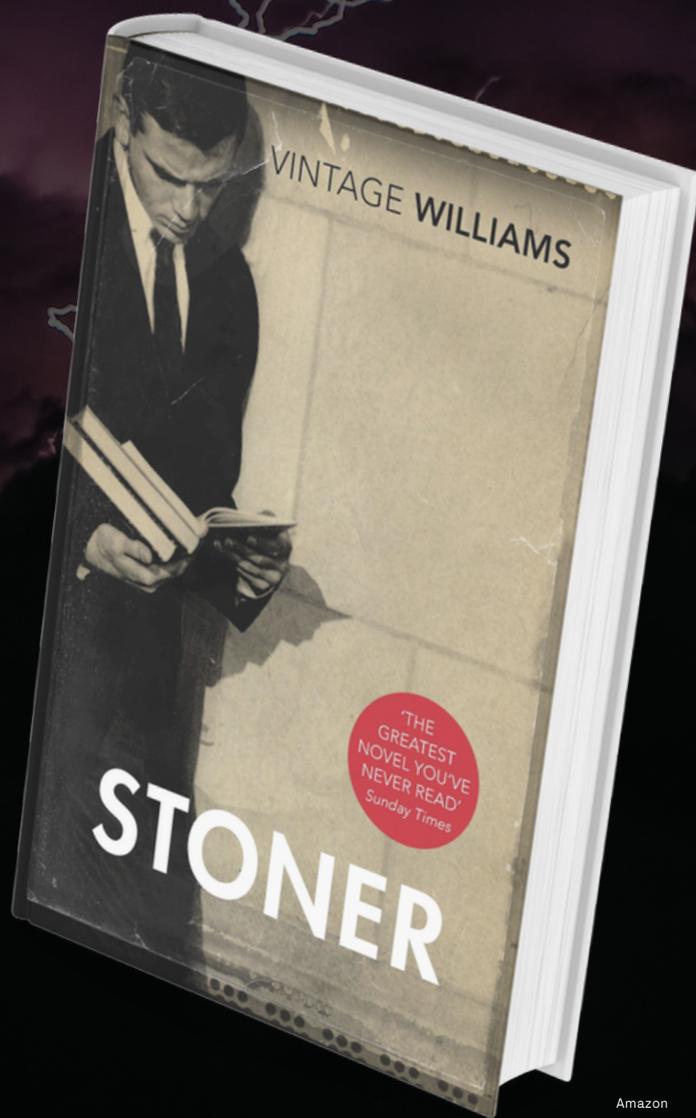
## “Stoner” de John Williams

POR ALEXANDRE GÓIS

Tendemos a achar que as maiores aventuras se fazem com grande turbulência e enorme intensidade.

A vida do nosso personagem principal, William Stoner, mostra-nos o contrário: as maiores tempestades e batalhas da vida de um homem ocorrem nas coisas mais simples e banais. O seu amor pela literatura é uma chama que nunca se apaga. Uma obra de John Williams que nos obriga a enfrentar os nossos próprios demónios e medos.

Daqueles livros que, como um artefacto misterioso, permaneceu escondido dos nossos olhos por demasiado tempo.



Amazon

# FICHA TÉCNICA

**Diretor-Geral Editorial** Luís Duarte

**Diretores-Gerais Adjuntos** João Salema Sequeira,  
Mariana Setra

**Diretor de Arte e Forma** Bruno Miranda Lencastre

**Diretora de Conteúdo** Rita Rosa

**Diretora de Comunicação** Telma Luz

**Chefe de Redação** António Cebola

**Tesoureira** Francisca Cosme Ferreira

**(Há) Conversa** Inês Gaurim Sousa, Patricia Neruta

**Lá Fora** Rui Bento dos Reis, João Quaresma, Nada El-Majri

**Estado de Direito(s)** António Cebola, Laura Guimarães,  
Inês Simões

**A Meu Ver** Alexandre Góis, Cristian Bancu, Tiago Coelho,  
Tomás Pires

**(Cria)tividade** Cristian Bancu, António Cebola,  
Beatriz Lourenço Pereira

**Núcleo Musical** Bruno Miranda Lencastre,  
Maria Salomé Curto

**Espaço Cultura** Alexandre Góis

*Tens interesse em escrever, fotografar ou contribuir de alguma maneira para a nossa revista digital?*

*Na **Da Democracia em Portugal** estamos sempre à procura de novas vozes empenhadas em defender a democracia e a liberdade através da escrita e da criatividade - se isto és tu, então visita **[dademocraciaemportugal.com](http://dademocraciaemportugal.com)** e contacta-nos para saberes como te podes candidatar para aderir à nossa equipa.*

***Ficamos à tua espera!***



